

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

**MATHEUS DONIZETE LIMA**

**UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE TARTESSOS: POVO EXPLORADOR  
DAS RIQUEZAS MEDITERRÂNEAS**

ALFENAS / MG

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

**MATHEUS DONIZETE LIMA**

**UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE TARTESSOS: POVO EXPLORADOR  
DAS RIQUEZAS MEDITERRÂNEAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL, como exigência para obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan.

ALFENAS / MG

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas  
Biblioteca Central – Campus Sede

L732o Lima, Matheus Donizete  
Um olhar histórico sobre tartessos: povo explorador das riquezas mediterrâneas / Matheus Donizete Lima – Alfenas, MG, 2020.  
69 f.: il. –

Orientador: Cláudio Umpierre Carlan.  
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) – Universidade Federal de Alfenas, 2020.  
Bibliografia.

1. Civilização antiga. 2. Rotas comerciais- Mediterrâneo, Mar-Mapas 3. Iberica, Peninsula (Espanha e Portugal). I. Carlan, Cláudio Umpierre. II. Título.

CDD- 946

**MATHEUS DONIZETE LIMA****UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE TARTESSOS: POVO EXPLORADOR DAS RIQUEZAS MEDITERRÂNEAS**

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 20 de maio de 2020

Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

Profa. Dra. Karla Maria Fredel  
Instituição: Universidade Federal de Pelotas - UFPEL-RS

Profa. Dra. Maria Aparecida de Andrade Almeida  
Instituição: Instituto Presbiteriano Mackenzie - IPB-SP



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Umpierre Carlan, Professor do Magistério Superior**, em 22/05/2020, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida de Andrade Almeida, Usuário Externo**, em 22/05/2020, às 15:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **KARLA MARIA FREDEL, Usuário Externo**, em 22/05/2020, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0298387** e o código CRC **0AC7CB3A**.

Dedico ao orientador Prof. Dr.  
Claúdio Umpierre Carlan pela  
parceria e comprometimento.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a sociedade brasileira por me proporcionar esta oportunidade de cursar o Mestrado em História Ibérica nesta Universidade pública através dos impostos pagos por ela ao Estado. Agradeço ao corpo docente e aos colegas de curso pela troca de experiências e por terem me auxiliado em alguns detalhes desta dissertação. E para finalizar, presto meus agradecimentos também ao Reginaldo dos Reis Pereira, Mariza Catulina De Queiroz Picon e minha família pelo incentivo e auxílio prestado. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior-Brasil (CAPS)-Código de Financiamento 001.

O conhecimento histórico não se limita a apresentar o fato no tempo e no espaço acompanhado de uma série de documentos que comprovam sua existência.

(Circe Maria Fernandes Bittencourt, 2008, p. 183).

## RESUMO

O presente estudo busca analisar elementos da sociedade de Tartessos, da cultura material e sua relevância no desenvolvimento das rotas de comércio do Mar Mediterrâneo por meio de estudos dos documentos dos séculos I a VII a.C. Esta pesquisa objetiva-se a compreensão da importância econômica tartessa com seus parceiros greco-romanos e a existência de uma política estatal autônoma na Península Ibérica liderada pelo monarca, Argantonio que durante o Período Clássico foi idealizado como defensor das minas de prata e estanho. Buscaremos realizar um estudo sistemático em obras consideradas referências, a Geografia de Ibéria de Estrabão, Ora Marítima de Rufio de Avieno e História de Heródoto. De modo geral é necessário e de comum acordo que é emergente preencher as lacunas que permeiam o tema de pesquisa que aqui será devidamente explorado. Dessa maneira, visa-se contribuir para maiores avanços para a área da História Ibérica. Como objeto de aprendizagem apresentaremos um E-book, livro digital, ancorado na Plataforma Moodle/Xerte, denominado Tartessos: Um Reino Ibérico, o mesmo, trata-se de um aplicativo virtual, onde os alunos do Ensino Fundamental II e Médio, por meio da interatividade e jogos de raciocínio lógico, entrarão em contato com o cotidiano do rei Argantonio e seu reinado por volta do século V a.C. O objeto atende as normas do Programa de Pós-graduação em História Ibérica-PPGHI da Universidade Federal de Alfenas/MG e estará disponibilizado ao programa no final da pesquisa.

**Palavras-Chave:** Tartessos. Rotas Comerciais do Mediterrâneo. Península Ibérica.

## ABSTRACT

The present study seeks to analyze elements of Tartessos society, material culture and their relevance in the development of trade routes in the Mediterranean Sea, by studying the documents from the 1st to the 7th centuries BC. This research aims to understand the economic importance of Tartessa with its Greco-Roman partners and the existence of an autonomous state policy in the Iberian Peninsula led by the monarch, Argantonio who during the Classic Period was idealized as a defender of silver and tin mines. We will try to make a systematic study in works considered references, the Geography of Iberian Strabo, Maritime Ora of Rufio de Avieno and History of Herodotus. In general, it is necessary and by common agreement that it is necessary to fill in the gaps that permeate the research theme that will be properly explored here. Thus, it aims to contribute to further advances in the area of Iberian history. As a learning object we will present an E-book, digital book, anchored on the Moodle/Xerte Platform, called Tartessos: An Iberian Kingdom, the same, it is a virtual application, where elementary and high school students, through interactivity and logical thinking games, will contact the daily life of King Argantonio and his reign around the fifth century BC. The object meets the standards of the Postgraduate Program in Iberian History-PPGHI of the Federal University of Alfenas/MG and will be made available to the program at the end of the research.

**Keywords:** Tartessos. Mediterranean Trade Routes. Iberian Peninsula.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Tesouro de Carambolo .....	18
Figura 2-Mapa das regiões produtoras de prata e ouro na Hispânia .....	18
Figura 3-Moeda com um racimo de uvas século 1 a.C. ....	22
Figura 4-Localização dos sítios arqueológicos.....	23
Figura 5-Colar com adornos de pingentes .....	30
Figura 6-Bandolete em ouro.....	30
Figura 7-Bracelete esculpido em ouro .....	31
Figura 8-Peça similar a uma fivela .....	31
Figura 9-Representação de Argantonio .....	42
Figura 10-Estela de Abóboda Sitio de Gomes Aires Almodôvar .....	49
Figura 11-Estela de guerreiros de Tartessos .....	50
Figura 12-Escrita Tartessa: influencia fenícia.....	50
Figura 13-Introdução sobre o livro digital .....	56
Figura 14-Análise do tesouro de Aliseda.....	57
Figura 15-Vídeo explicativo sobre o tesouro de Carambolo.....	57
Figura 16-Jogo da memória .....	58

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1 A HISTÓRIA DE TARTESSOS E SUAS PERSPECTIVAS .....	11
1.2 O OFÍCIO DO HISTORADOR E AS CIÊNCIAS AUXILIADORAS NO CASO TARTESSOS .....	12
1.3 SEMIÓTICA E ICONOGRAFIA: CONCEITO BÁSICO .....	13
1.4 NUMISMÁTICA: NOVOS DESAFIOS À HISTORIOGRAFIA .....	13
1.5 COMO COMPREENDER TARTESSOS DE ACORDO COM A NUMISMÁTICA? .....	14
1.6 UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DE TARTESSOS A PARTIR DA SEMIÓTICA E ICONOGRAFIA .....	16
1.7 A ORIGEM DA ECONOMIA TARTESSA: ROTAS DE COMÉRCIO DO MAR MEDITERRÂNEO ENTRE OS SÉCULOS I A VII a.C. ....	19
1.8 DIVERSIDADE ECONÔMICA, RELIGIÃO, ARTES E SOCIEDADE .....	23
1.9 TARTESSOS: ASSENTAMENTO INDÍGENA, GRUPO LINGUÍSTICO OU ESTADO ANTIGO?.....	32
<b>2 ARGANTONIO: DA MITOLOGIA AO HISTÓRICO, ANÁLISE DAS FONTES PRIMÁRIAS NOS DOCUMENTOS DOS SÉCULOS I A VII a.C.</b> .....	<b>37</b>
2.1 TARTESSOS SOB O OLHAR DE HERÓDOTO DE HALICARNASSO ..	40
2.2 O QUE ENTENDEMOS POR UMA ABORDAGEM ARQUEOLOGIA PÓS PROCESSUAL? .....	42
2.3 MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADES.....	44
2.4 MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADES NO CASO TARTESSOS.....	45
2.5 HIBRIDISMO CULTURAL .....	46
2.6 FONTES ESCRITAS E REGISTROS ARQUEOLÓGICOS: DESAFIOS.	47
2.7 OBJETOS PICTOGRÁFICOS E ICONOGRÁFICOS DE TARTESSOS..	48
<b>3 A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI: DESAFIOS E METODOLOGIAS</b> .....	<b>51</b>
3.1 DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	53
3.2 APRENDIZAGEM SOBRE TARTESSOS E AVALIAÇÃO DO CONTEÚDO MINISTRADO .....	58
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>64</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O tema apresentado foi escolhido diante de experiências teóricas e práticas vividas por docentes como regentes em sala de aula na disciplina de História durante os Ensinos Fundamental e Médio. Constata-se a ausência, em livros didáticos, da temática: História-Política, Cultural e Arqueológica relacionada à Península Ibérica dentro do eixo temático Antiguidade Clássica.

Observa-se nesta lacuna uma oportunidade ímpar de reescrever e reanalisar fatos históricos da primeira sociedade antiga das regiões correspondentes a Portugal e Espanha. Contudo o prisma se dá em fomentar as propostas de investigação e compreensão das variadas interpretações iconográficas sobre a sociedade tartessa, entre os séculos I e VII a.C.

Desta forma a proposta se fundamenta em examinar e preencher frestas deixadas por outros pesquisadores em relação à produção sociocultural desse reino, assim, discorrer sobre diferentes abordagens analíticas da estrutura econômica e o fornecimento de matéria-prima entrelaçados às rotas comerciais descritas em fontes primárias dos antigos povos greco-romanos.

Devido à necessidade de compreensão dos documentos historiográficos em torno da estrutura política e social desta sociedade, se faz necessária a observação minuciosa em torno das relações sociais, de poder e economia. Portanto, o presente trabalho, trará como objeto central de pesquisa, o exame da relevância econômica tartessa como forma de contribuição para o surgimento das rotas comerciais do Mar Mediterrâneo Ocidental, na região sul da atual Espanha e oeste de Portugal.

Em consonância à proposta do Mestrado profissional em História Ibérica, foi elaborado um objeto de aprendizagem, material virtual como ferramenta tecnológica complementar ao livro didático, em conformidade com o Currículo Básico Comum (CBC-MG), e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), intitulado como “Tartessos: Um Reino Ibérico.”

Trata-se de um livro digital repensado aos moldes da exigência metodológica, a fim de proporcionar ao educando alternativas complementares ao método tradicional do ensino de História Antiga. Portanto,

o estudo justifica-se pelo fato de que, atualmente no ensino médio público, percebe-se a crescente dificuldade na análise de fontes documentais e consecutivamente maior desinteresse do aluno na construção do saber histórico e crítico.

Entretanto espera-se haver um favorecimento das práticas pedagógicas em sala de aula e dos conteúdos, que confirmam ao educador, o estabelecimento dos vínculos temporais amplos no conceito de ensino e aprendizagem das significativas abordagens metodológicas. Neste ponto, a presente obra contribuirá ao educando do Ensino Fundamental e Ensino Médio, colocando-o em contato com obras e fontes relacionadas à sociedade tartessa, tendo em vista ajudá-lo a entender os conteúdos históricos da Antiguidade, tornando-o ativo e participativo no desenvolvimento político-social da escola.

## 1.1 A HISTÓRIA DE TARTESSOS E SUAS PERSPECTIVAS

Na atualidade, o papel da Península Ibérica na Antiguidade está evidenciado e abordado dentro da historiografia nacional e internacional. A identidade e as raízes culturais do sul da Península, em seus aspectos político e econômico, estão intrinsicamente ligados à formação da sociedade tartessa.

A partir da premissa, este trabalho buscará analisar o cotidiano, a política e modo econômico de produção com ênfase nas representações pictóricas e ou escritas do rei *Argantonio*<sup>1</sup> monarca ibérico citado em fontes historiográficas do Período Clássico devido sua suposta longevidade e riqueza. José Maria Blázquez-Martínez (1997), intelectual e especialista no tema, nos apresenta a figura da realeza:

O monarca tartesso mais famoso foi Argantonio, cujo o nome indo-europeu significa «homem de prata». Argantonio governou 150 anos em Tartessos, ao dizer o poeta festivo Anacreonte, que viveu na Sicília pelo o ano 550 a.C. (BLÁZQUEZ-MARTÍNEZ, 1997, p. 66-75, tradução nossa).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Último rei Tartesso e o único a qual existem referências históricas.

<sup>2</sup> O monarca tartesso mais famoso foi Argantonio, cujo o nome indo-europeu significa «homem de prata». Argantonio governou 150 anos em Tartessos, ao dizer o poeta festivo Anacreonte, que viveu na Sicília pelo o ano 550 a.C.

O presente tema, por muitos anos, tem despertado o interesse de pesquisadores por sua relevância arqueológica e histórica. Devido sua complexidade em fontes documentais, confrontaremos versões e interpretações sobre um mesmo fato histórico, assim, incentivar reflexões sobre grupos étnicos e socioculturais que compuseram o reinado tartesso.

## 1.2 O OFÍCIO DO HISTORADOR E AS CIÊNCIAS AUXILIADORAS NO CASO TARTESSOS

Ao analisar história material e cultural da sociedade tartessa, o historiador se depara com inúmeras possibilidades para ressignificá-las, parte do pressuposto do preenchimento de lacunas deixadas por outros estudiosos, assim elevando seu olhar minucioso e investigativo sobre o objeto de pesquisa, busca de forma crítica e imparcial elucidar as questões relacionadas ao cotidiano, costumes, política e modo de vida dos grupos sociais em estudo.

Nesse sentido o uso da metodologia científica em consonância às disciplinas auxiliaadoras se torna imprescindível ao objeto de estudo, conforme esclarece Topolsky (1992);

Normalmente, as definições correntes da metodologia das ciências enfatizam de várias formas em suas interpretações pragmáticas ou apragmáticas, descritivas ou normativas. Na prática investigadora, muitas vezes estes pontos de vista estão unidos.<sup>3</sup> (TOPOLSKY, 1992, p.23).

A partir dessa coerência, espera-se que o pesquisador, se valendo da Semiótica e Iconografia, traga à tona cada vez mais a necessidade de compreensão das simbologia tartessa postergada à atualidade.

Frequentemente, estes mesmos especialistas enfrentam uma dificuldade insuperável para retirar dessas informações necessárias à própria pesquisa, a menos de recorrer a obras de alta complexidade técnica e escrita esotérica para a maioria dos estudiosos. (CARLAN; FUNARI, 2012, p.12).

Diante desses apontamentos, discutiremos a importância dessas ciências na compreensão e elucidação das estruturas de poder, simbolismos e identidades presentes na Península Ibérica nos séculos I a VII a.C.

---

<sup>3</sup> Normalmente, las definiciones corrientes de la metodología de las ciencias hacen hincapié de varias formas en sus interpretaciones pragmáticas o apragmáticas, descriptivas o normativas. En la práctica investigadora, muchas veces, estos puntos de vista están unidos.

### 1.3 SEMIÓTICA E ICONOGRAFIA: CONCEITO BÁSICO

Dentre as ciências auxiliaadoras destacam-se a Semiótica, ciência pautada na análise e compreensão dos fatos históricos a partir da observação e compreensão dos gestos e linguagens, deixados por civilizações antigas. Em uma outra vertente historiográfica, temos a Iconografia, ciência que tem como propósito o estudo de objetos e imagens, ancorados nos aspectos econômicos, políticos e religiosos. Vejamos a definição, conforme dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora: “A semiótica é a teoria geral dos signos. Esta ciência trata do estudo dos signos na vida social, à semelhança da semiologia”.

Os especialistas na temática, Carlan, Funari e Moreira (2015, p. 11) afirmam: “a Fenomenologia e a Semiótica de Charles Sanders Peirce <sup>4</sup>(1839-1914) apresentam-se como bases potentes e amplas para análises das múltiplas representações geradas pelo homem desde tempos pré-históricos)”.

Nosso trabalho se propõe a explicar a iconografia Tartessa como um viés que se reveste na cultura popular e que tenha a capacidade de descrever pensamentos e atitudes ofuscados pela literatura historiográfica tradicional.

Em acordo a esse pensamento, Meneses (2003, p. 23), contribui:

Na virada da década de 1980 dá-se não só a convergência de várias abordagens, interesses e disciplinas em torno do campo comum da visualidade, como também uma percepção cada vez mais ampliada, inclusive fora dos limites acadêmicos, da importância dominante da dimensão visual na contemporaneidade. A difusão da comunicação eletrônica e a popularização da imagem virtual obrigam à procura de novos parâmetros e instrumentos de análise, que articulam os esforços da Sociologia, Antropologia, Filosofia, Semiótica, Psicologia e Psicanálise, Comunicação, Cibernética, Ciências da Cognição. (MENESES, 2003, p.23).

### 1.4 NUMISMÁTICA: NOVOS DESAFIOS À HISTORIOGRAFIA

Na Europa, a partir do Renascimento cultural, essa modalidade de preservação documental enraizou-se e trouxe à tona, a preocupação com o resgate da cultura greco-romana, consolidou-se como ciência séculos depois.

---

<sup>4</sup> Charles Peirce se dedicava ao estudo da filosofia, principalmente à leitura de "A crítica da razão pura", de Kant. Entre 1879 e 1884 lecionou na Universidade John Hopkins.

São considerados precursores dessa modalidade historiografia, o abade Joseph H. Eckhel<sup>5</sup> e o colecionador da França Joseph Perellin<sup>6</sup>.

No Brasil o acervo numismático, desenvolveu-se durante o século XIX, através da elite aristocrata, sendo a mesma possuidora de recursos financeiros para a junção das peças. Um dos primeiros idealizadores dessas coleções fora o Imperador D. Pedro II, amante incondicional da História Antiga, em suas viagens, trazia consigo “lembranças”, objetos numismáticos.

A consolidação da Numismática como ciência em nosso país, iniciou-se a partir das contribuições do cônsul suíço-brasileiro Julius Meili ainda no século XIX e seguidamente com os trabalhos do alemão naturalizado brasileiro Kurt Prober, que criara no ano de 1944, o manual numismático e um catálogo com moedas de prata.

O uso de material numismático, como documentação básica para uma pesquisa na área de História é raríssimo, principalmente, aqui no Brasil, onde uma parcela de historiadores opta por trabalhar com fontes escritas, de preferência aquelas que estejam já impressas em papel e guardadas em arquivos e bibliotecas. (CARLAN; FUNARI, 2012, p. 29).

A partir da premissa, compreende-se um considerável campo metodológico e investigativo a ser explorado, portanto um elemento de suma importância para alavancar novas discussões sobre as interpretações simbólicas.

## 1.5 COMO COMPREENDER TARTESSOS DE ACORDO COM A NUMISMÁTICA?

Na antiguidade, embora pouco usual à Numismática, muitos objetos tais como pedras de pequenas dimensões, conchas e até mesmo animais, eram utilizados como moedas em trocas cambiais. Nesse contexto, confrontaremos elementos da cultura material dos povos Tartessos, que nos possam fomentar hipóteses que explicariam tais transações comerciais descritas em relatos dos antigos gregos, principalmente em relação a figura pitoresca do rei Tartesso Argantonio.

---

<sup>5</sup> (13 de janeiro de 1737-16 de maio de 1798) foi um sacerdote e numismático jesuíta austríaco.

<sup>6</sup> (1684-1783) foi um Intendente-Geral da Marinha francesa e um célebre pioneiro numismático.

Nem sempre existiu a moeda. Nas civilizações antigas, como a egípcia e a mesopotâmica, mas mesmo na romana, usavam-se para as trocas, objetos de valor. Segundo o autor romano Varrão (116-27 a. C), pecúnia, dinheiro, deriva de *pecus*, gado, usado como meio de troca. As etimologias de Varrão não são, hoje em dia, consideradas corretas, mas o que importa é que os antigos acreditavam nelas. Assim, considera-se que a unidade para calcular o valor era a cabeça de gado. (CARLAN E FUNARI, 2012. p. 20).

Ainda em conformidade a esse pensamento, Carlan e Funari (2012, p. 20), afirmam: “o termo numismática: esse caráter político da moeda está no seu próprio nome original, em grego: nomisma, palavra que deriva de nomos”.

Outra importante forma de intercâmbio comercial da Antiguidade, era feita através da utilização do sal, como pagamento, daí, a origem do termo, *salário*, o produto era utilizado nas transações comerciais. Por se tratar de uma sociedade monística, tartesso tornou-se uma obsessão aos amantes da Arqueologia internacional, principalmente por conter um simbolismo ainda não totalmente decodificado.

Na obra, *Os Tesouros Perdidos dos Tartessos*, o especialista Blázquez-Martínez (1997) nos apresenta os trabalhos do arqueólogo alemão A. Schulten, da Universidade de Erlangen, na busca pela elucidação dos principais achados arqueológicos sobre a sociedade em destaque. Expõe seus argumentos sobre a ideia da orientalização, a chegada dos pré-romanos à Península Ibérica. Afirmou que A. Schulten investigou a localização das muralhas da cidade, mas não obteve o sucesso desejado. Sua preocupação com o tema, levou-o a publicar em 1945, um livro traduzido para o idioma espanhol, sendo ponto de partida para novas pesquisas historiográficas e arqueológicas.

O problema que apaixonou tanto a A. Schulten, a localização de Tartessos, há passado hoje a segundo plano. A Universidade de Barcelona, através de seu Instituto de Arqueologia, organizou em 1969 um simpósio em Jerez de la Frontera, cujos resultados foram publicados em 1970, sobre todos os problemas planteados por Tartessos. Sobre o tema tem aparecido ultimamente três livros, devidos a J. Maluquer, a J. de Mata Carriazo e ao autor destas linhas, e multidão de artigos destacando os dos professores A. Blanco, J.P. Garrido y M. Pellicer. (BLÁZQUEZ; MARTÍNEZ, 1997, p. 2, tradução nossa).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> El problema que apasionó tanto a A. Schulten, la localización de Tartessos, há pasado hoy a segundo plano. La Universidad de Barcelona, através de su Instituto de Arqueología, organizó en 1969 un simposium en Jerez de la Frontera, cuyos resultados fueron publicados en 1970, sobre todos los

Os trabalhos de Blázquez-Martínez (1997) inserem-se nos campos da investigação arqueológica e histórica. O autor, através de uma proposta analítica e descritiva, expõe argumentos sobre a formação da Sociedade Tartessa e seu principal legado, a “Orientalização”, ou seja, seu contato com povos pré-românicos. Outro especialista na questão da *orientalizante da* Península Ibérica, Tavares (2005) também contribui ao debate;

E provável que nos venha ao pensamento a questão frequentemente debatida da localização de Tartessos, tema sobre o qual já alguma vez escrevemos e não vamos agora retomar expressamente, mas pode dizer-se que, no presente estado de conhecimento do problema, não têm viabilidade as hipóteses de colocar Tartessos fora do extremo ocidental do Mediterrâneo. (TAVARES 2005, p. 18).

De acordo com a citação acima, a sociedade Tartessa não deve ser compreendida somente na esfera do conjunto territorial e arqueológico, mas em sua pluralidade cultural, linguística e simbólica, sob a liderança de um monarca e suas raízes políticas, que perdurariam até a chegada dos romanos à Península Ibérica.

## 1.6 UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DE TARTESSOS A PARTIR DA SEMIÓTICA E ICONOGRAFIA

Atualmente, nos campos arqueológico e historiográfico, existem discussões permeadas pela descoberta de objetos na região da Andaluzia corresponder originalmente ou não à sociedade Tartessa. Relatos posteriores deixados por historiadores e geógrafos greco-romanos trazem informações relevantes para içar novos trabalhos, que serão discutidos especificamente nos capítulos subsequentes.

Tartessos sem dúvida, evidencia a enorme possibilidade de reinterpretção de sua simbologia através dos utensílios deixados pelo Tesouro de Carambolo. O estudioso Blázquez-Martínez (1997) utiliza-se de fontes historiográficas do séculos V a.C, e, através de uma proposta analítica

---

problemas planteados por Tartessos. Sobre el tema han aparecido ultimamente tres libros, debidos a. J. Maluquer, a J. de Mata Carriazo y al autor de esta líneas, y multitud de artículos, destacando los de los profesores A. Blanco, J.P. Garrido y M. Pellicer”.

e descritiva, expõe argumentos sobre a formação da Sociedade Tartessa e seu principal legado, a “orientalização”, ou seja, seu contato com povos pré-romanos.

No tesouro de Aliseda havia um grande número de anéis e selos de procedência oriental. Um pendente adornado com palmatorias e flores de loto encontrado em Andaluzia e hoje no Museu Arqueológico Nacional de Madrid responde a uma decoração que aparece, [-71→72-] marfins fenícios. As joias do Carambolo (Sevilla), igualmente trabalhadas em ouro, são possivelmente uns ornamentos sacerdotais. (BLÁSQUEZ; MARTÍNEZ, 1997, p. 6, tradução nossa).<sup>8</sup>

Outro autor especialista no assunto, Albuquerque (2015), também em concordância à simbologia, busca elucidar as questões pertinentes à sociedade tartessa, nos campos, das relações de poder, violência intercultural e comércio.

Propõe e centraliza sua discussão em torno da construção da identidade étnica em suas origens tribais e coloca em pauta a importância do povoado na formação do comércio no Mediterrâneo. Problematisa as representações comunitárias proto-históricas em fontes históricas, registros arqueológicos e a questão sobre a forma de orientação impulsada pelo contato com reinos colonizadores. Questiona a partir da comparação e representação a imagem do “outro”, a violência na imposição das novas ideologias; portanto, conclui que o contato com as sociedades pré-romanas teria ocorrido de forma impositiva.

Estas últimas propostas valorizaram, sobretudo, a documentação escrita e o pensamento subjacente ao discurso arqueológico. O registro material pode, neste sentido, ter outras leituras que deem visibilidade à interação cultural, à hibridação (contrariando a ideia polarizante que presidiu aos estudos anteriores), bem como a processos de transformação resultantes de cenários históricos de violência. (ALBUQUERQUE, 2015, p. 76).

Em encontro a esse pensamento, contribuindo ao debate, os autores Carlan, Funari e Moreira (2015, p. 36) confirmam que a Semiótica tem se mostrado fecunda para o estudo do passado mais remoto, ao procurar entender a comunicação em situações para as quais temos muito pouca informação além da evidência material. Ao se tratar da iconografia tartessa,

---

<sup>8</sup>En el tesoro de La Aliseda había un gran número de anillos y sellos de procedencia oriental. Un pendiente adornado con palmetas y flores de loto hallado en Andalucía y hoy en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid responde a una decoración que aparecen [-71→72-] marfiles fenicios. Las joyas del Carambolo (Sevilla), igualmente trabajadas en oro, son posiblemente unos ornamentos sacerdotales.

tem-se um importante material catalogado, o tesouro de El Carambolo que possui vinte e uma peças esculpidas em ouro maciço. Nota-se que esses objetos possuem algumas de inscrições possivelmente não decodificadas. Essa problemática promoveu um leque para novas discussões, externando a sofisticação em ourivesaria, características claras de sociedades autônomas e desenvolvidas economicamente. Esses objetos foram encontrados em Valencina de La Concepción, próximo à cidade de Sevilha.

Figura 1 -Tesouro de Carambolo



Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tesouro\\_de\\_El\\_Carambolo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tesouro_de_El_Carambolo)>. Acesso em: 23 dez.2019.

Figura 2 - Mapa das regiões produtoras de prata e ouro na Hispânia.



Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lusit%C3%A2nia>>. Acesso em: 27 set. 2019.

## 1.7 A ORIGEM DA ECONOMIA TARTESSA: ROTAS DE COMÉRCIO DO MAR MEDITERRÂNEO ENTRE OS SÉCULOS I A VII A.C.

Com uma diversidade de produtos, tartessos tornou-se uma sociedade próspera e economicamente ativa, sua contribuição às rotas mediterrânicas ficou claramente evidenciada pelos relatos deixados pelos gregos. Em um texto atribuído à Aristóteles<sup>9</sup>, nos revela que os talassocráticos fenícios negociavam diretamente com os tartessos, a prata, metal precioso muito procurado depois do ouro. De acordo com Blázquez; Martínez (1997) “Dizendo do historiador grego Heródoto, a prata foi também o produto tartesso preferido pelos gregos, para quem o bronze tartesso foi igualmente o metal cobiçado”<sup>10</sup>.

Uma confirmação da presença grega na Península Ibérica tanto por gregos e fenícios, fora a descoberta de um capacete coríntio e peças cerâmicas, provavelmente o que teria sobrado de ânforas em La Hia de Huelva, Andaluzia em 1930. Segundo Olmos (1984); citado por Wagner (1991, p. 6);

Colocar um exemplo não muito longe, os novos achados de cerâmicas gregas em Huelva desataram uma supervalorização arqueológica destes dados, chegando a afirmar a existência de uma intensa aculturação de origem helénica (Olmos y Cabrera, 1980; Olmos y Garrido, 1982) que necessitou ser hibridizada mais tarde. <sup>11</sup>(*apud* WAGNER, 1991, p. 6, tradução nossa).

Outros produtos requeridos pelos povos pré-romanos foram; o bronze e principalmente o estanho, material necessário na fabricação de armas na Antiguidade devido sua liga metálica.

As minas de estanho se encontravam dentro de Tartessos, no rio de seu mesmo nome, em Monte Casio citado por Avieno, na Estremadura espanhola e portuguesa, de onde abundam os objetos que se vincula com a cultura tartessa e nas regiões do noroeste da península, da Bretanha francesa e de Cornualles. A partir do ano 1200 a.C., como há demonstrado recentemente Hawckes, há um gigantesco comércio atlântico em mãos dos tartessos, cuja finalidade era proporcionar o estanho das regiões atlânticas e vende-lo aos fenícios de Cádiz, que os exportavam ao Oriente. As

<sup>9</sup> Filósofo, nascido em 384 a.C em Estagira, faleceu em Atenas em 322 a.C.

<sup>10</sup> “*Al decir del historiador griego Heródoto, la plata fue también el producto tartésico preferido por los gregos, para quienes el bronce tartésico fue así mismo metal codiciado*”.

<sup>11</sup> Por poner un ejemplo no muy lejano, los nuevos hallazgos de cerámicas griegas en Huelva desataron una sobrevaloración arqueológica de estos datos, llegándose a afirmar la existencia de una intensa aculturación de origen helénico (Olmos y Cabrera, 1980; Olmos y Garrido, 1982) que necesitó ser matizada más tarde.

explorações mineras eram um dos eixos da economia de Tartessos e mãos dos nativos. <sup>12</sup>(BLASQUÉZ; MARTINEZ, 1997, p. 3, tradução nossa).

Contudo o abastecimento metálico movimentou inúmeros recursos aos povos colonizadores, dando origem as principais rotas mediterrânicas, neste contexto aparece a figura pitoresca do rei Argantonio, defensor das minas de prata tartessas. Dedicaremos um capítulo especialmente sobre seu governo e sua estrutura administrativa.

[...] A cerâmica feita a mão com impressões digitais-, que a partir do ano 800 a.C., como se deduz o achado de a Ría de Huelva, composto de espadas, cascos, regatões, etc., são mais que prováveis sua presença em esta zona, sem dúvida em busca dos centros mineiros e metalúrgicos. A importância de este povoado é chave; [-68→(plano)→70-] se trata de uma metalurgia da prata, trabalhada sobre as estrias do mineral com umas técnicas novas que são idênticas as que Rosenberg descreve no Arabad e que são diferentes das utilizadas por buscadores de metais da Cultura de El Argar, no segundo milênio a.C. (BLÁSQUÉZ; MARTÍNEZ, 1997, p. 4, tradução nossa).<sup>13</sup>

Ao relatar o comércio, devemos enfatizar a pesca (salazones) como atividade extrativista sendo lucrativa e secundária na sociedade tartessa. A mesma praticou a modalidade ligando territórios e povoados, influenciando culturas, principalmente na região sul de Portugal, conforme citado pelo autor Lupi:

A migração do século V encontrou a Península povoada por culturas muito variadas, que podemos considerar basicamente em dois grupos bem distintos: os iberos a leste e sul, e os povos neolíticos e megalíticos no centro e no litoral atlântico. As culturas de leste e sul são as que se costuma chamar propriamente de ibéricas, mas ainda aqui há que distinguir dois conjuntos: os do litoral oriental (atual Catalunha) de maior influência grega,

<sup>12</sup> Las minas de estaño se encontraban dentro de Tartessos, en el río de su mismo nombre, en el Monte Casio citado por Avieno, en la Extremadura española y portuguesa, donde abundan los objetos que se vinculan con la cultura tartésica y en las regiones del noroeste de la península, de la Bretaña francesa y de Cornualles. A partir del año 1200 a.C., como ha demostrado recientemente Hawckes, hay un gigantesco comercio atlántico en manos de los tartesios, cuya finalidad era proporcionar el estaño de las regiones atlánticas y venderlo a los fenicios de Cádiz, que lo exportaban a Oriente. Las explotaciones mineras eran uno de los ejes de la economía de Tartessos en manos de los nativos.

<sup>13</sup> Toda Sierra Morena era un gigantesco coto minero, como lo demuestra la gran cantidad de picos de piedras utilizados en la extracción de plata. Se conoce una explotación minera de esta época, la del Cerro Salomón, en Riotinto, excavada por A. Blanco, J.M. Luzón y D. Ruiz Mata. Se trata de un poblado minero en manos de indígenas -indoeuropeos, como lo indica la cerámica hecha a mano con impresiones digitales-, que a partir del año 800 a.C., como se deduce del hallazgo de la Ría de Huelva, compuesto de espadas, cascos, regatones, etc., hacen más que probable su presencia en esta zona, sin duda en busca de los centros mineros y metalúrgicos. La importancia de este poblado es clave; [-68→(plano)→70-] se trata de una metalurgia de la plata, trabajada sobre las vetas del mineral con unas técnicas nuevas que son idénticas a las que Rosenberg describe en el Arabad y que son diferentes de las utilizadas por los buscadores de metales de la Cultura de El Argar, en el segundo milenio a.C.

sobretudo de comerciantes da Fócia para lá emigrados com suas famílias; e os do sul, de maior influência fenícia—de Tiro, desde o século XI a.C. (LUPI, 2001, p. 14).

Conforme citação acima, pode-se perceber a interação cultural de tartessos, atestada intrinsecamente pelo fortalecimento das rotas de comércio, quão terrestres ligando os assentamentos às principais vias de transporte de mercadorias, quanto fluviais via rio Guadalquivir.

Foi nesta área que se desenvolveu a cultura de Tartessos; os mais prováveis integrantes desta região eram os turdetanos, que viviam entre o Guadiana (o Anas, que conhecemos pelo nome árabe de Wad-i-ana) e o Guadalquivir (wad-al-kebir). Com os tartéssicos e os fócio-ibéricos os celtas entraram em contato, mas não ousaram atacar suas cidades ricas e bem defendidas. O nome de celtiberos, e de uma cultura celtibérica, realmente aplica-se a um mosaico de influências diversas, em que a palavra iberos não designa nenhuma origem conhecida, mas apenas uma localização de povos a oriente e a ocidente do rio Ebro—neste caso é o rio que dá nome ao povo que vive em sua vizinhança. (LUPI, 2001, p. 14).

Dessa ligadura externa, não se pode afirmar convictamente a existência de uma moeda corrente, porém possui-se alguns indícios e mesmo dúvidas relacionadas ao câmbio comercial. Como ocorreriam esses intercâmbios sem que houvesse uma representação iconográfica ou monetária? Na tentativa de esclarecermos essa dubiedade, compartilharemos das experiências e das principais pesquisas relacionadas ao tema. Essa premissa conduz-nos ao fascínio arqueológico elencado na tentativa de elucidar as principais indagações sobre essa enigmática sociedade.

A autora Faria (2012) nos relata:

Pensa-se que a vinha terá sido cultivada na Península Ibérica, pela primeira vez, nos vales do Tejo e do Sado, cerca de 2000 a.C. Os Tartessos, conhecidos como os habitantes mais antigos da Península, tinham uma civilização bastante avançada que estabelecia negociações comerciais com outros povos, permutando uma série de produtos, entre os quais se destaca o vinho, que serviria como moeda de troca no comércio dos metais [3]. (FARIA, 2012, p. 2).

Uma conjectura importante que não poderíamos deixar de mencionar, faz alusão a uma moeda encontrada em Acinipo, cidade fundada pelos romanos por volta do século I a.C e demonstra a importância da videira para a economia do sul da Península Ibérica, esta materialidade corroboraria para a afirmativa de Faria (2012).

Figura 3 - Moeda com um racimo de uvas século 1 a.C.



Disponível em: <<https://www.numisbids.com/n.php?p=lot&sid=2546&lot=20>>. Acesso em: 27 set. 2019.

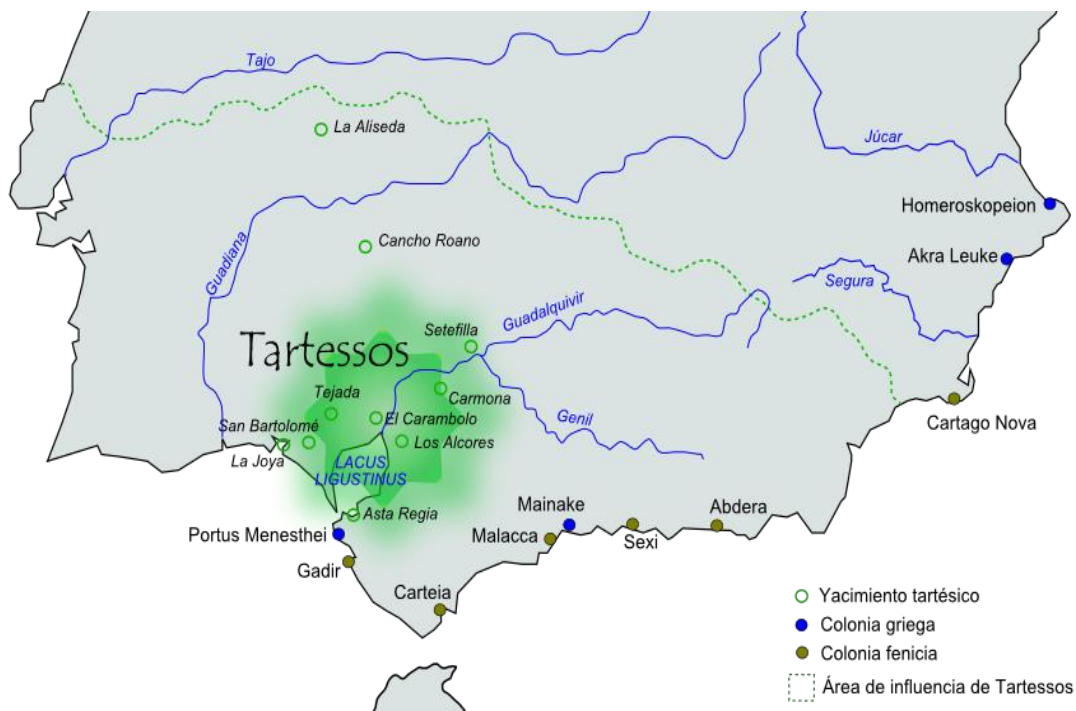
De acordo com o pesquisador Ruiz (2012) pouco se conhece sobre a estrutura agrícola e econômica da produção tartessa, isso sem dúvida direciona-nos à novas pesquisas e discussões.

Porém, embora a agricultura fosse sem dúvida alguma, a base da sociedade tartessa, devemos reconhecer que muito pouco é o que sabemos sobre ela. Estas pequenas unidades de produção foram a base sobre a que se sustentou uma expansão agrícola capaz de suportar um incremento demográfico dessas comunidades indígenas, expansão, a que a falta de avanços técnicos teria sido corrigida mediante ao cultivo de terras até então improdutivas, e sim de modo algum cabe excluir que tal reforço aumentasse as contradições internas que teriam terminado em um conflito armado no século VI a.C, do qual o possível ataque a Acinipo constituiria em um episódio<sup>14</sup>. (RUIZ, 2012, p. 163, tradução nossa).

14

Pero aunque la agricultura fue sin duda la base de la sociedad tartésica, debemos reconocer que muy poco es lo que sabemos al respecto. Estas pequeñas unidades de producción fueron la base sobre la cual se sostuvo la expansión agrícola para resistir un aumento demográfico de estas comunidades indígenas, expansión, a lo que la falta de avances técnicos se habría corregido mediante el cultivo de tierras hasta ahora improductivas, sino más bien por De ninguna manera se puede descartar que dicho refuerzo aumentaría las contradicciones internas que habrían terminado en un conflicto armado en el siglo VI aC, del cual el posible ataque a Acinipo sería un episodio.

Figura 4 - Localização dos sítios arqueológicos.



Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tartessos#/media/Ficheiro:Tartessos.png/> >.  
Acesso em: 27 set. de 2019.

## 1.8 DIVERSIDADE ECONÔMICA, RELIGIÃO, ARTES E SOCIEDADE

Complementares à extração de minérios, o pastoreio e agricultura fomentaram o consumo dos assentamentos e das práticas comerciais as margens do mar Mediterrâneo. Nos territórios englobados pelos vilarejos de tartessos, foram encontrados fragmentos fósseis de ovinos e bovinos, presentes em sítios arqueológicos, o que comprovaria em parte a fidedignidade dessas atividades.

Por outro lado, é notória a preponderância do gado bovino em sítios «tartéssicos» como Calle del Puerto 9 (Huelva), Campillo, El Carambolo Bajo, Setefilla, Medellín e Aliseda. Este predomínio verifica-se apenas durante o Bronze Final e «Orientalizante», já que, em fase posterior, predominam os ovicaprinos (Torres Ortiz, 2002, p. 101). Esta tendência não deve, contudo, ser generalizada, uma vez que a potencialidade de criação de gado depende também das condições do Meio Ambiente, daí a constatação do predomínio de ovicaprinos em sítios como El Carambolo (ibid., p. 102). Para além disso, as amostras são muito parciais e não admitem muitas extrapolações seguras. (ALBUQUERQUE, 2010, p. 79).

Com territórios localizados às margens do rio Guadalquivir, de clima ameno e constante, os aldeamentos familiares praticaram uma agricultura desenvolvida para o período correspondente, eram cultivados, trigo, azeitona, vinha, dentre outros produtos.

É notório que essa produção destinava-se abastecer a toda uma estrutura sócio-política, haja vista, que estamos mencionando uma sociedade que inicialmente coletivizada o uso da terra, mas que no decorrer dos anos surgiram as primeiras evidências de hierarquização e divisão social do trabalho, essa variante era praticada desde os primórdios da humanidade.

Os diferentes trabalhos que criam estes produtos-agricultura, criação de gado, tecelagem, confecção, do vestuário, etc.-são, desde logo, na sua forma natural, funções sociais, pois que são funções da família que, tal como a produção, de mercadorias, tem a sua [espontânea] divisão do trabalho. São as condições naturais, variáveis com a mudança das estações, bem como as diferenças de idade e de sexo, que regulam na família a distribuição do trabalho e a sua duração para cada membro da família. O dispêndio das forças de trabalho individuais medido pelo tempo da sua duração aparece aqui diretamente como carácter social dos próprios trabalhos [...]. (MARX, 2013, p. 214-215).

Enfatizando a premissa do desenvolvimento socioeconômico dos assentamentos, outro importante pesquisador designa a condição social do trabalho;

Antes da primeira aparição de material fenício em assentamentos e necrópoles tartesianas, essa sociedade estava em um nível evolutivo que poderíamos caracterizar sob a declaração "Modo de produção doméstica". Não é uma tipologia social daqueles comumente usados, mas um termo geral que usaremos para descrever a estrutura socioeconômica daquelas sociedades nas quais o excesso de trabalho doméstico é gerenciado pela mesma unidade doméstica, de modo que os próprios trabalhadores eles se beneficiam dos frutos desse trabalho (Southall 1988, Saitta e Keene 1990 (BARCELÓ, 1995, p. 2, tradução nossa) <sup>15</sup>.

De acordo com Barceló (1995) os poderes político e social coexistiram e designaram uma parcial divisão, sendo que os mesmos encontravam-se

---

<sup>15</sup> Con anterioridad a la primera aparición de material fenicio en los asentamientos y necrópolis tartesianas, esta sociedad se hallaba en un nivel evolutivo que podríamos caracterizar bajo el enunciado "Modo de Producción Doméstico". No se trata de una tipología social de las usadas habitualmente, sino de un término general que utilizaremos para describir la estructura socioeconómica de aquellas sociedades en las que el excedente de trabajo doméstico es gestionado por la misma unidad doméstica, de manera tal que los propios trabajadores se benefician de los frutos de ese trabajo (Southall 1988, Saitta y Keene 1990). Tal y como hemos visto en las secciones anteriores, ello no impide que ciertos miembros del grupo doméstico (los varones iniciados) se beneficien del trabajo de otros miembros (las mujeres), dado que las actividades productivas y de mantenimiento están desigualmente repartidas en el interior del grupo doméstico.

atrelados à economia autossuficiente. O surgimento desse desequilíbrio fica evidenciado conforme sua disposição:

Por si só, esse fato não causa mudanças, mas é a causa de uma tensão ou uma fonte de desequilíbrios. O movimento de pessoas - trabalhadores e artesãos não especializados-se tornará tão importante, se não mais, do que a circulação de mercadorias em troca. Conseqüentemente, aumenta o poder dos grupos domésticos dominantes, capazes de aglutinar a população ao seu redor, graças ao controle da força de trabalho e à circulação de excedentes. (BARCELÓ, 1995, p. 4, tradução nossa).<sup>16</sup>

Por volta de 4 mil anos atrás, os seres humanos iniciaram a prática da fabricação de utensílios em cerâmica. No caso dos tartéssicos provavelmente teria ocorrido o manuseio do barro cozido entre os séculos VI e VIII a.C. E conforme a explicação de Arruda (2013), essa prática ocorrera influenciada pelos povos fenícios:

Se alargássemos esta abordagem para a Idade do Ferro, seríamos obrigados a constatar que a área de incidência da cerâmica dos tipos Llorca e Carambolo (Mapas em Torres Ortiz, 2002) não é completamente compatível com a dos chamados «bronzes tartéssicos», concretamente dos «braseiros», jarros ou thymiateria (Mapas em Jiménez Ávila, 2002). A verdade é que, para a Idade do Ferro, é impossível não descortinar para muitos deste materiais uma origem e uma matriz cultural exógena, quer do ponto de vista formal quer ao nível decorativo. E, por outro lado, a distribuição geográfica de muitos deles compagina-se, de facto, com a área da colonização fenícia [...]. (ARRUDA, 2013, p. 213).

Em conformidade ao pensamento de Arruda (2013), sobre a influência fenícia na confecção de vasos cerâmicos, outro pesquisador, Torres Ortiz (2001), afirmou;

Até agora, apenas três formas foram documentadas com essa decoração, duas da tradição do Bronze Final e uma terceira que imita uma forma bem conhecida no mundo fenício. A primeira forma é a típica caçarola de carenagem pré-colonial em bronze (fig. 2.1). No momento, é conhecido um espécime quase completo do Cerro de los Infantes (Mendoza *et al* 1981: fig. 12: e; Molina *et al* 1983: fig. 2: h). A segunda forma é o vaso bicônico, em seus dois tamanhos (fig. 2: 2-3). Fragmentos pertencentes a essas embarcações foram encontrados no estrato XIII de Setefilla (Carrasco, Pastor e Pachón 1985: fig. 24: 2) [...]. (TORRES; ORTIZ, 2001, p. 277, tradução nossa).

Conforme supracitado, tartessos evidenciaram o processo de formação das primeiras comunidades no baixo Guadalquivir, conforme o especialista

---

<sup>16</sup> Por sí mismo, este hecho no provoca cambios, pero sí es causa de una tensión o de una fuente de desequilibrios. La circulación de personas-trabajadores no especializados y artesanos-pasará a ser tan importante, si no más, que la circulación de bienes de intercambio. Aumenta, consiguientemente, el poder de los grupos domésticos preponderantes, capaces de aglutinar a la población en torno suy gracias a su control de la fuerza de trabajo y de la circulación de los excedentes.

Torres Ortiz (2001); "No momento, não ousamos fazer conjecturas sobre o nome desse grupo étnico, embora devamos considerá-lo um dos que fizeram parte do que as fontes clássicas chamam de Tartessos".<sup>17</sup>

[...] Outro copo do Cerro de los Infantes (Pachón, Carrasco e Pastor 1979: 316-317 fig. 14.2-4), mais um do Cerro de la Miel (Carrasco, Pastor e Pachón 1985: fig. 9:30), um fragmento de uma máscara e parte do ombro e barriga pertencentes a um possível vaso dessas características de Medellín (de Amo 1973: 389 fig. 4.1.) e um grande vaso encontrado em Alarcos (Lucas Pellicer 1995: Fig. 3: 5). Por fim, mencione uma peça encontrada no enterro da Casa del Carpio, Toledo (Pereira 1989: fig. 3: 5), que imita a forma de um oinochoe de cogumelo fenício (fig. 2: 4) que, devido à sua tipologia, datada do século VIII aC. (Ruiz Mata y Pérez 1995a: 56, 82 fig. 18:2) (TORRES; ORTIZ, 2001, p. 277, tradução nossa).<sup>18</sup>

Muitas dessas peças foram encontradas na necrópole de Setefilla<sup>19</sup> e as mesmas continham influências da sociedade fenícia. Torres Ortiz (2001), concluiu seu pensamento;

É, portanto, uma cerâmica de origem local, como demonstra sua tipologia, que utiliza uma certa técnica decorativa existente em outras partes da Europa, mas sem ter um vínculo direto com elas, explicando o surgimento da mesma técnica decorativa por convergência cultural (TORRES; ORTIZ, 2001, p. 278).<sup>20</sup>

Sem hesitação, as novas descobertas em cerâmica, nos sítios arqueológicos de Carambolo, Carmona e Huelva, trouxeram à tona novas discussões em torno da referida sociedade, confirmando a tese do autoctonismo, desvinculando-se dos relatos bíblicos ou mesmo dos textos

<sup>17</sup> "Por el momento, no nos atrevemos a hacer conjeturas sobre el nombre de esta etnia, aunque debemos considerarla como una de las que formaban parte de lo que las fuentes clásicas han denominado Tartessos".

<sup>18</sup> Hasta el momento, sólo se han documentado tres formas con esta decoración, dos de ellas de tradición del Bronce Final y una tercera que imita una forma bien conocida en el mundo fenicio. La primera forma es la típica cazuela carenada del Bronce Final precolonial (fig. 2.1). Por el momento, se conoce un ejemplar casi completo del Cerro de los Infantes (Mendoza et alii 1981: fig. 12:e; Molina et alii 1983: fig. 2:h). La segunda forma es el vaso bicónico, en sus dos tamaños (fig. 2:2-3). Fragmentos pertenecientes a estos vasos se han hallado en el estrato XIII de Setefilla (Carrasco, Pastor y Pachón 1985: fig. 24:2), una urna y un pequeño vaso en el túmulo B de la necrópolis de este poblado (Aubert 1975: fig. 20:2, 22:2), otro vaso del Cerro de los Infantes (Pachón, Carrasco y Pastor 1979: 316-317 fig. 14.2-4), uno más del Cerro de la Miel (Carrasco, Pastor y Pachón 1985: fig. 9:30), un fragmento de carena y parte del hombro y la panza pertenecientes a un posible vaso de estas características de Medellín (del Amo 1973: 389 fig. 4.1.) y un gran vaso hallado en Alarcos (Lucas Pellicer 1995: fig. 3:5). Por último, mencionar una pieza hallada en el enterramiento de la Casa del Carpio, Toledo (Pereira 1989: fig. 3:5), que imita la forma de un oinochoe de boca de seta fenicio (fig 2:4) que, por su tipología, podría fecharse en el siglo VIII A.C.

<sup>19</sup> Necrópole localizada na Província de Sevilha na região de Andaluzia, sul da Espanha.

<sup>20</sup> Se trata, por tanto, de una cerámica de origen local, como demuestra su tipología, que usa una técnica decorativa determinada que existe en otras partes de Europa, pero sin tener vinculación directa con las mismas, explicando se la aparición de la misma técnica decorativa por convergencia cultural. (TORRES; ORTIZ, 2001, p. 278).

gregos, transportaram novas perspectivas na reafirmação da autenticidade dos objetos relacionados a tartessos. Vejamos a que afirmou o Casado Ariza (2003);

Parece que os descobrimentos de Carambolo representaram o ressurgimento da saída para um conjunto de novos achados produziram nos anos seguintes, dentro do âmbito territorial tartesso: Carmona, Huelva...Mesmo ainda ficando sobre os materiais das escavações de Bonsor no Alcores que podiam colocar em relação com este mundo emergente (cf. Aubet 1992: 40) e que forneceram novos dados, que adicionados aos de Carambolo, parece dar forma ao fenômeno tartessos (CASADO;ARIZA , 2003, p. 286, tradução nossa).<sup>21</sup>

Essas novas descobertas são aspectos determinantes para a difusão dos conhecimentos arqueológicos, sobretudo no quesito cotidiano econômico e político da referida cultura tartéssica. Acredita-se que inicia-se um novo percurso com probabilidades reais de se reescrever sua história empregando novas metodologias, principalmente iconográficas, às imensas formas textuais e linguísticas sobre as abordagens temáticas.

Até o presente momento não se pode determinar se os tartéssicos possuíam divindades próprias. Estudiosos do tema sintetizaram que alguns rituais foram atribuídos e introduzidos durante o processo orientalizante, a partir da colonização fenícia essencialmente em suas práticas de funerais religiosos.

Juntamente ao tesouro de Carambolo, foram encontrados uma estatueta e amuletos de origem fenícia, representando a divindade Astarté deusa da fertilidade, da guerra, da sexualidade, filha de Baal, principal deus fenício. Essa descoberta remete à aculturação tartessa como resultado do contato com os povos fenícios. Analisaremos o trecho a seguir de um especialista na temática sobre a arqueologia tartessa, *“Os habitantes do reino de tartessos copiaram os rituais funerários fenícios, documentados pela primeira vez no Ocidente na necrópole de Almuñécar”* (BLÁZQUEZ; MARTÍNEZ, 1997, p. 7, tradução nossa).<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Parece que los descubrimientos de Carambolo representaron el resurgimiento de la salida a un conjunto de nuevos hallazgos producidos en los años siguientes, dentro del territorio territorial de Tartesso: Carmona, Huelva ...Incluso mientras permanecen en los materiales de las excavaciones de Bonsor en los Alcores que podrían introducirse La relación con este mundo emergente (cf. Aubet 1992: 40) y que proporcionó nuevos datos, que se sumaron a los de Carambolo, parece dar forma al fenómeno tartessos.

<sup>22</sup> Los habitantes del reino de Tartessos copiaron los rituales funerarios fenicios, documentados por vez primera en Occidente en la necrópolis de Almuñécar.

Em acordo ao pensamento de Blázquez; Martínez, os pesquisadores espanhóis Celestino, Sebastián e Tortosa, Trinidad (2008) reafirmaram:

As manifestações religiosas da I Idade do Ferro, no sudoeste da Península Ibérica, ainda que escassas, ganharam destaque nos últimos anos, graças a descobertas muito significativas que não se limitam ao campo escultórico e iconográfico em que se baseiam. Boa parte das interpretações religiosas da cultura orientalizante. De fato, a religiosidade da esfera cultural tartessiana só foi explicada através de rituais fúnebres documentados e, fundamentalmente, pela presença de uma estatuária que geralmente parecia descontextualizada e em débito com a iconografia do Mediterrâneo [...] (CELESTINO, SEBASTIÁN E TORTOSA, TRINIDAD, 2008, p. 473, tradução nossa).

Podemos inferir o hibridismo como resultado dos inúmeros contatos contatos entre os tartessos e os fenícios, pode-se dizer que houve uma adaptação tartessa aos costumes vindos do Oriente.

[...] No entanto, as técnicas com as quais muitas dessas peças foram elaboradas eram de tradição indígena, demonstrando o sincretismo religioso que teve que ser produzido com a primeira colonização fenícia e depois grega dessas áreas mais ao sul. Portanto, era difícil falar sobre a religião tartessiana sem se referir constantemente aos fenícios ou púnicos, especialmente quando as imagens indígenas eram inexistentes, levando em consideração a ideia de que era uma religião anicônica (CELESTINO, SEBASTIÁN E TORTOSA, TRINIDAD, 2008, p. 473, tradução nossa).<sup>23</sup>

Provavelmente a mais notória influência fenícia e grega, relaciona-se ao processo de transformação do metal bruto em nobres peças de joias, herança facilmente identificada desse hibridismo comercial. A autora Martins (1999) nos aborda um forte indício dessa relação:

Até mesmo a costa Atlântica da Península Ibérica é percorrida na busca de estanho às Ilhas Cassitérides<sup>24</sup>. O tipo de produtos que circulavam nesta vasta rede de transações são os bens de luxo e as matérias-primas que entram na composição da sua produção, e em paralelo com as transações que realizavam, os fenícios também assimilavam na sua cultura elementos das diversas e dispersas culturas com as quais estabeleciam contactos,

<sup>23</sup> Las manifestaciones religiosas de la I Edad del Hierro en el suroeste de la Península Ibérica, aún siendo escasas, han cobrado cierto protagonismo en los últimos años gracias a hallazgos muy significativos que no se ciñen al ámbito escultórico e iconográfico, sobre el que se ha basado buena parte de las interpretaciones religiosas de la cultura Orientalizante. En efecto, la religiosidad del ámbito cultural tartésico sólo se explicaba a través de los rituales funerarios documentados y, fundamentalmente, de la presencia de una estatuaria que por lo general aparecía descontextualizada y deudora de la iconografía mediterránea; sin embargo, las técnicas con que eran elaboradas muchas de estas piezas eran de tradición indígena, lo que demostraba el sincretismo religioso que debió producirse con la colonización primero fenicia y luego griega de estas zonas más meridionales. Por lo tanto, era difícil hablar de religión tartésica sin aludir constantemente a la fenicia o púnica, más aún cuando la imaginería indígena era inexistente, tomando cuerpo la idea de que fuera una religión anicónica

<sup>24</sup> Na Antiguidade Clássica era conhecida como ilha do estanho.

tendo simultaneamente um papel de receptor e emissor. (MARTINS, 1999, p. 165-166).

Ainda em conformidade ao pensamento, Martins (1999) deixa evidente a presença grega no sul da Península Ibérica, motivados pela presença dos metais nobres, principalmente o estanho, utilizado como liga metálica na confecção de instrumentos bélicos. Esse fato relevante ressalta a evidência da periodização em estudo e o auge do governo argantoniano, esplendor da exploração da prata.

Em Huelva a presença do comércio grego faz-se sentir muito intensivamente em 580-550 a.C. O tipo de comércio que predominava era o de luxo, destinado às elites sociais indígenas, sendo a associação estratigráfica a fornos de fundição de prata, um reflexo do objectivo das transações comerciais. (MARTINS, 1999, p. 166).

O grande enigma em questão, vem da obtenção do ouro por tartessos, dado que as minas ficavam distantes da Andaluzia, região correspondente à existência do reino. O fato mais provável, reforça a ideia das trocas comerciais com os povos orientalizantes, esse ouro era adquirido a partir do escambo por estanho ou prata, mas a ausência do metal aurífero jamais descartaria o conhecimento tartesso na execução e produção de gêneros ornamentais.

O Tesouro de Aliseda, VI a.C, encontrado em Cáceres, Espanha, traz consigo traços da cultura orientalizante presentes em terras espanholas. Seria de nossa parte atrevimento imaginarmos que esses objetos adornados tivessem sido produzidos em território ibérico? Existem muitas indagações sobre suas origens, fato que nos leva à crença da existência de uma sociedade pautada na estrutura político-administrativa, pois deixa claro a divisão hierárquica e social.

Se considerarmos as interpretações feitas sobre o tal "desenvolvimento económico" do Bronze Final Andaluz, verificamos que se daria a formação de elites que detinham nas suas mãos uma boa parte da riqueza, o que, na perspectiva apresentada, levar-nos-ia a questionar qual é o conceito aplicado actualmente e, para o que nos interessa, na antiguidade: a necessidade de aumentar as clivagens sociais para proporcionar e impulsionar o desenvolvimento, o que é, no mínimo, contraditório, tanto na sua aplicabilidade histórica como no próprio sistema actual. (ALBUQUERQUE, 2013, p. 164).

Abaixo relacionamos algumas imagens de objetos iconográficos que compuseram o tesouro de Aliseda pertencente aos povos tartessos, e que hoje fazem parte do acervo do Museu Nacional de Arqueologia em Madri.

Figura 5 - Colar com adornos de pingentes.



Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro\\_de\\_Aliseda&oldid=112444516](https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro_de_Aliseda&oldid=112444516)>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Figura 6 - Bandolete em ouro.



Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro\\_de\\_Aliseda&oldid=112444516](https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro_de_Aliseda&oldid=112444516)>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Figura 7 - Bracete esculpido em ouro.



Disponível em:  
<[https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro\\_de\\_Aliseda&oldid=112444516](https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro_de_Aliseda&oldid=112444516)>.  
Acesso em: 25 jan. 2019.

Figura 8 - Peça similar a uma fivela. Disponível em:



Disponível em:  
<[https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro\\_de\\_Aliseda&oldid=112444516](https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro_de_Aliseda&oldid=112444516)>.  
Acesso em: 25 jan. 2019.

## 1.9 TARTESSOS: ASSENTAMENTO INDÍGENA, GRUPO LINGUÍSTICO OU ESTADO ANTIGO?

Uma das discussões mais proeminentes em relação a Tartessos, correlaciona-se ao fato da existência ou não de um Estado centralizado. Nesse tópico analisaremos a versão de alguns autores sobre a existência do reino na Andaluzia. Esse propósito vem ganhando cada vez mais significância, principalmente após descobertas arqueológicas que corroborariam para discussão. Em destaque a esse cenário, aparece a figura do arqueólogo alemão A. Schulten (1945), defensor da tese da unidade estatal e administrativa do reino tartessiano. Seu trabalho serviu como ponto de partida a outros estudiosos. Sem hesitação, a arqueologia de tartessos angariou um conjunto de documentos comprobatórios após a descoberta de várias evidências: peças cerâmicas, Tesouro de Aliseda e Carambolo, talvez a representação mais fiel do governo de Argantonio.

Sobre a organização estatal defendida por A.Schulten, a mesma foi representada nas palavras do pesquisador Andreotti (2015);

Um constante que vemos na obra de Schulten é a consideração de Tartessos como um estado centralizado<sup>(14)</sup>. Assim, por exemplo, se lhe considera como "a mais antiga cidade comercial e o primeiro centro cultural do Ocidente, empório hospedeiro comparado a aqueles centros focos antiquíssimos de cultura oriental: Babilônia e Nínive, Mênfis e Tebas, Knossos e Faistos (...) um Estado rico e bem organizado<sup>(15)</sup>. Mas não era somente uma cidade comercial, era, da mesma forma, uma potência [...] Tartessos é a mais antiga cidade-estado do Ocidente. Nesse sentido recorda aos impérios orientais. (ANDREOTTI, 2015, p. 229, tradução nossa).<sup>25</sup>

Na pronúncia do autor, sem dúvida, a sociedade tartessa teria sido uma sociedade ocidental de extrema importância para o desenvolvimento da região sul da Espanha, por alavancar uma próspera diversidade cultural e por obter excelentes relações comerciais exteriores. Segundo Andreotti (2015), Tartessos era sim um Estado e devido sua estrutura e complexidade, a qual

<sup>25</sup> Una constante que vemos en el trabajo de Schulten es la consideración de Tartessos como un estado centralizado<sup>(14)</sup>. Así, por ejemplo, se considera que es "la ciudad comercial más antigua y el primer centro cultural de Occidente, sede de un emporio en comparación con los antiguos centros de cultura oriental: Babilonia y Nínive, Memphis y Tebas, Knossos y Faistos (...) un estado rico y bien organizado<sup>(15)</sup>. Pero no solo era una ciudad comercial, sino que también era una [...] potencia: Tartessos es la ciudad-estado más antigua de Occidente. En este sentido, recuerda a los imperios orientales.

se fundamentava, teria sido descrita por historiadores nas principais obras clássicas.

Embora reconheça que, a privação de uma localização exata da cidade, dificultaria o desenrolar dessa estrutura por se tratar de uma cronologia historiográfica posterior à sua existência do reino.

Em relação à origem do reino tartesso, um outro pesquisador, Albuquerque (2015), investiga a formação estatal, através da análise de registros arqueológicos e historiográficos. A partir da contraposição, busca elucidar as questões pertinentes à sociedade tartessa nos campos das relações de poder, violência intercultural e comercial. Propõe e centraliza sua discussão, em torno da construção da identidade étnica tartessa em suas origens tribais e diferenças culturais em relação aos povos fenícios. Evidencia a importância do povoado na formação do comércio no Mediterrâneo. Problematiza as representações comunitárias proto-históricas em fontes históricas, registros arqueológicos e a questão sobre a forma de orientalização impulsionada pelo contato com reinos colonizadores.

Estas últimas propostas valorizaram, sobretudo, a documentação escrita e o pensamento subjacente ao discurso arqueológico. O registo material pode, neste sentido, ter outras leituras que deem visibilidade à interação cultural, à hibridação (contrariando a ideia polarizante que presidiu aos estudos anteriores), bem como a processos de transformação resultantes de cenários históricos de violência. (ALBUQUERQUE, 2015, p. 76).

Questiona a partir da comparação e representação, a imagem do “outro”, a violência na imposição das novas ideologias, portanto, conclui que o contato com as sociedades pré-romanas teria ocorrido de forma impositiva.

Albuquerque (2015), utiliza -se de vários conceitos teóricos na construção de sua tese, busca, a partir da análise minuciosa dos vestígios arqueológicos, preencher lacunas deixadas por A.Schulten (1945), em relação às propostas indigenistas.

Trabalha com textos relacionados ao Antigo Testamento e obras clássicas da historiografia greco-romana, investiga as relações comerciais e as contradições em relação à localização geográfica tartessa e a toponímia ou seja, o nome do lugar, cita o autor J. Sanmartín, (1994) na tentativa de resolver a emblemática questão; tartessos como expressão linguística ou designação de uma região.

Discute sobretudo os objetos arqueológicos (cerâmicas) encontrados em Huelva, referenciando os autores, Olmos (1989), González (2004), Alvar (2013), problematiza uma breve discussão sobre a região da Andaluzia e sua possível relação com Tartessos. Define o conceito de orientalização reiterando a proposta do autor F. Moreno (2001) e a “Lógica do Indígena Fascinado”, evidenciando a suposta formação de uma elite beneficiada com a violência empreendida pelos povos orientais, através da lucratividade comercial. Traça uma comparação à colonização africana nos séculos XV ao XIX, e tráfico escravista. A partir da perspectiva de M. Torres Ortiz (2002), Albuquerque (2015) utiliza-se da temática indigenista no sentido da formação territorial, cultural e linguística. O autor afirma que Tartessos não se limitava à uma entidade homogênea e em segundo plano trabalha com a hipótese das adaptações mútuas. Albuquerque (2015), deixa claro a importância da análise crítica historiográfica como complemento à arqueologia, para o mesmo, ainda há certos desencontros entre as disciplinas na tentativa de elucidar a localização do Estado Tartesso, afirma:

Dispomos, portanto, de dois tipos de fontes: os textos da Antiguidade e o registo Arqueológico. Em muitos casos, assistimos a um (escusado) desencontro entre estas Disciplinas, a tal ponto que cada uma delas pode utilizar informações e métodos da outra que já não fazem sentido nos dias de hoje, sem o necessário aparato crítico. (ALBUQUERQUE, 2015 p. 91).

Relaciona em sua tese a evidência de um processo orientalizante impositivo como fator de aculturação e dessa forma de contato o surgimento de uma elite aristocrática que se beneficiaria dessa relação, subjugando demais habitantes do reino.

A partir de uma análise geográfica e etnológica na busca da compreensão da sociedade tartessa como uma região de múltiplas entidades, a autora Arruda (2013) analisa a sociedade a partir de um viés linguístico e topônimo, discorda das evidências de um estado centralizado.

Aborda as questões relacionando-as à localização geográfica e problematiza a identidade étnica tartessa, que segundo a mesma, não fora demonstrada no sentido de nação ou Estado. Em sua abordagem, centraliza seus questionamentos em torno do reconhecimento tartesso no sentido de comunidade linguística e não membros de um reino. Defende a ideia de que

essa sociedade poderia ter sido uma criação nominal, de gregos, romanos e fenícios.

Afirma que os limites geográficos são difíceis de reconhecer devido à falta de materialidades concretas. Expõe seus argumentos sobre a toponímia da região, que era conhecida através de textos e referências numismáticas da presença romana e sua colonização, descartando a presença de elementos de espólios dos Tartessos. Para Arruda e segundo o pesquisador Alvarez-Martí-Aguillar (2005), Tartessos pode ser o nome dado pelos fenícios para a cidade de Gades (Cádiz).

Dando sequência à problematização, a autora apresenta a cronologia correspondente ao período da Idade do Bronze, concluindo a existência de um anacronismo em torno da questão relacionada às diversas formas de organização, sociais e políticas da região. Para a pesquisadora, dificilmente as obras arqueológicas do século V estariam relacionadas aos tartessos, portanto, referenciaríamos as comunidades colonizadas pelos fenícios já instaladas na região de Guadalquivir;

Alvarez Martí-Aguillar (2005), Tartesso pode ser afinal o epónimo a que os fenícios chamaram Gades o que explicaria a mal interpretada identificação Tartesso-Gádir ou Tartesso/Carteia, comum em tantos autores de géneros literários bem distintos (Salústio, Cícero, Columela, Mela, Plínio, Apiano, Avieno...) (Cruz Andreotti, 2010: 28) (*apud* Arruda, 2013. p. 214 ).

Levando-se em conta o que foi observado, a autora busca elucidar a organização estatal como um suposto território que partilhava de uma mesma linguagem como fator de identidade, portanto conclui a existência de uma língua tartessa. Mas como se explicaria os diversos documentos arqueológicos e as evidências descritas nos textos de alguns historiadores do período clássico?

Em objeção ao pensamento da autora, o pesquisador Tavares (2005), reafirma a existência de uma nação ou mesmo um Estado a partir da análise das primeiras fontes escritas em estilo cuneiforme que referenciavam o extremo Ocidente em textos babilônicos. Levanta a possibilidade da terra relatada pelos hebreus no Antigo Testamento corresponder à Hispânia e consecutivamente aos povos tartessos. O autor tem como referência Blazquez-Martinez (1997), que confirmaria o reino de Tartessos como a mais

antiga civilização do Ocidente. Ao examinar o texto bíblico, cita o livro Bíblico, como referência histórica, Gênesis capítulo 10, versículo 4, e a formação dos grandes centros comerciais, Cartago, Rhodes, Chipre e Tartessos.

Era aí que iam procurá-lo os Tartéssios, seguindo depois através do Mediterrâneo para o Médio Oriente. O conhecido arqueólogo e historiador J.M. Blázquez deu mesmo a um dos seus livros o expressivo título *Tartessos y los orígenes de la colonización fenícia en Occidente*. (TAVARES, 2015, p. 16).

Tavares (2005) defende o conceito de que, em muitas referências bíblicas anteriores ao Cativo da Babilônia, aparecia o nome tartessos, sendo o mesmo, a designação do Ocidente Ibérico. Portanto, o autor insere seus questionamentos, referenciando os elementos bíblicos que confirmariam a sociedade tartessa, enumera seus argumentos sobre os navios de tarsis, à figura do rei hebreu Salomão, o comércio de Tiro cidade-estado fenícia com os Tartessos e, por final, a fuga de Jonas, personagem semita, do Cativo babilônico para a Península Ibérica. Ao final, utiliza-se da obra clássica Odisseia, esclarecendo a passagem mitológica, sobre “Zéfiro”<sup>26</sup> que soprava do Oceano empurrando os barcos a Tartessos, terras longínquas e incertas.

Por conseguinte, tendo presente o contexto histórico desta inscrição e os conhecimentos que vêm da arqueologia, é legítimo pensar que, além de Creta, temos aqui uma referência a Tartessos. (TAVARES, 2005, p. 16).

Conclui que o comércio fenício por várias vezes, reafirmaria o contato com essa importante civilização hispânica, principalmente pela extração do estanho, indispensável na construção de armas do período clássico.

Dessa forma nesse tópico, apresentamos algumas possíveis considerações sobre aspectos da estrutura política, comercial, social dos povos tartessos e sua relação com o processo orientalizante. Constituindo ou não um Estado centralizado, temos elementos suficientes para elevarmos tartessos à categoria de uma civilização comparável às grandes cidades da antiguidade.

---

<sup>26</sup> De acordo com a mitologia grega, era um titã, irmão Astreu e Eos, era uma brisa que soprava suave e agradável.

## 2 ARGANTONIO: DA MITOLOGIA AO HISTÓRICO, ANÁLISE DAS FONTES PRIMÁRIAS NOS DOCUMENTOS DOS SÉCULOS I A VII a.C.

Essa temática vem alavancando novas discussões no meio acadêmico e apaixonando os estudiosos por conter uma simbologia enigmática e, sem dúvida alguma, uma das histórias mais intrigantes da Península Ibérica, principalmente pela personificação da figura do rei Argantonio. Daí, nossa preocupação em retratar e relatar com atenção especial essa relação comercial juntos aos chamados povos orientais, algo que esteja próxima à veracidade histórica. De acordo com os estudos arqueológicos e historiográficos, o rei vivera por volta de noventa anos e constituiu um dos principais reinos da Andaluzia, ampliando suas conexões econômicas com os povos gregos. Seu governo teria sido relevante a ponto de ser citado em diversos textos do período clássico, como na breve descrição do autor:

Como vimos, Heródoto dá a Argantônio o nome de P (xai>. fúq, "rei", e refere-se à sua maneira de exercer poder com o verbo TupavvíKo, "regra como tirano", em sua interpretação mais clássica. Bem, essa combinação de palavras aparece com certa frequência no trabalho do historiador grego, e em cada uma dessas ocasiões Heródoto se refere com muita precisão às circunstâncias em que uma ou várias pessoas lideram um sistema de poder. Desses termos, você pode nos dar uma pista sobre seu significado concreto. (SANCHEZ DE LA POZA, 1997, p. 278, tradução nossa).<sup>27</sup>

Assim conforme o autor, Argantonio estava presente no cotidiano do povo grego, seu nome aparecera frequentemente em relatos dos principais historiadores do período. Em uma outra fala do historiador grego Heródoto, o nome do rei é mais uma vez citado, principalmente pelo fornecimento de uma suposta ajuda em prata os foceos habitantes da cidade grega da Ásia Menor, a Focéia, analisaremos nos tópicos posteriores essa proximidade.

Heródoto informa; também, que Argantonio, convidou os foceos a se estabelecerem no território tartesso e que o rei lhes dera dinheiro em abundância para que construíssem uma muralha ao redor de sua cidade para pudessem se defender do avanço dos persas na Ásia Menor. (SANCHEZ DE LA POZA, 1997, p. 276, tradução nossa).<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Como hemos visto, Heródoto da a Argantonio el nombre de P(xai>. fúq, «rey», y se refiere a su forma de ejercer el poder con el verbo TupavvíKo, «governar como tirano», en su interpretación más clásica. Ahora bien, esta combinación de palabras aparece con cierta frecuencia en la obra del historiador griego, y en cada una de estas ocasiones Heródoto se refiere de manera muy precisa a las circunstancias en que una o varias personas encabezan un sistema de poder. Un repaso del empleo de estos términos puede darnos la clave sobre su significado concreto.

<sup>28</sup> Informes de Herodoto; también, que Argantonio invitó a las fuerzas a establecerse en el territorio

Uma das fontes históricas da Antiguidade onde encontramos referências a Tartessos, foi escrita pelo grego Estrabão (63 a 24 a.C), geógrafo, deixou manuscritos que referenciavam a localização do reino. Observemos uma transcrição sobre Tartesso:

Denominação de uma cidade de outrora, muito próspera, situada entre as duas embocaduras do rio Bétis, no extremo ocidente da oikoumene, com frequência identificada com Gades ou com Carteia. Aí reinara Argantónio durante muitos anos, como explica Estrabão, e até esse lugar se teriam dirigido as expedições de heróis como Hércules ou Ulisses, contadas por Homero. (DESERTO; PEREIRA, 2016, p. 57).

Em outro trecho da obra, Geografia de Ibéria, e com a anuência dos pesquisadores Deserto e Pereira (2016, p. 57), podemos observar nas palavras de Anacreonte, sua referência à Argantonio, talvez na forma etimológica ou mesmo na personificação realística do rei;

E poderia pensar-se que é à sua grande prosperidade que os homens dali, e sobretudo os seus chefes, devem a fama de Macraionas<sup>185</sup> e que por isso Anacreonte teria dito o seguinte: “Eu não quereria a cornucópia de Amalteia<sup>186</sup>, nem século e meio ser rei de Tartessos<sup>187</sup>”, e ainda que Heródoto registara o nome do rei, chamando-lhe Argantónio<sup>188</sup> (de facto, poder-se-á interpretar as palavras de Anacreonte assim-de um modo literal -, ou de uma forma mais geral, assim: ser rei de Tartesso\* durante muito tempo<sup>189</sup>\*). Alguns, porém, chamam Tartesso\* à actual Carteia\*. (DESERTO; PEREIRA, 2016, p. 57).

Ainda em conformidade ao pensamento dos tradutores da obra, aparecem relatos sobre a localização do reino tartesso, conforme citação a seguir;

Parece, por outro lado, que os antigos chamavam Tartesso\* ao Bétis\* e Eriteia\* a Gades\* e às ilhas vizinhas; por isso se crê que Estesícoro, terá falado deste modo do pastor Gérion, que teria nascido “quase em frente à ilustre Eriteia\*, junto às fontes inesgotáveis do rio Tartesso\* de raiz argêntea, numa caverna nas rochas”. Como o rio tem duas embocaduras, diz-se que, no espaço entre ambas, se estabelecera anteriormente uma cidade a que chamavam Tartesso\*, homónima do rio, e ao território, Tartésside\*, o qual os Túrdulos\* ocupam na actualidade. (DESERTO; PEREIRA, 2016, p. 56).

Em outro trecho do livro de Estrabão, nas palavras do poeta Anacreonte, aparecem de forma contundente referências em torno dos mistérios sobre a existência de Argantonio, o que fica evidenciado o conhecimento grego sobre a existência desse governante, mesmo que de

---

tartésico y que el rey les había dado abundante dinero para construir un muro alrededor de su ciudad para que pudieran defenderse del avance de los persas en Asia Menor.

forma mitológica. Sem hesitar, os relatos nos levam a confirmar o interesse grego sobre essas terras, principalmente pelas riquezas minerais por ela oferecida. Observemos uma passagem do livro em que o poeta confirma seu conhecimento a respeito de Argantonio, ao que diz respeito como figura humana, vejamos:

Os Fenícios\*, como digo, foram os informadores; e, de facto, eles ocuparam a melhor parte da Ibéria\* e da Líbia\* antes da época de Homero e continuaram a ser senhores destes lugares até os Romanos\* terem destruído o seu domínio<sup>183</sup>. E sobre a riqueza da Ibéria\*, há também estes testemunhos: os Cartagineses\*, ao fazerem uma expedição militar com o Barca<sup>184</sup>, apanharam as gentes da Turdetânia\*, segundo dizem os historiadores, a utilizar manjedouras de prata e jarros. E poderia pensar-se que é à sua grande prosperidade que os homens dali, e sobretudo os seus chefes, devem a fama de Macraionas<sup>185</sup> e que por isso Anacreonte teria dito o seguinte [...]. (DESERTO; PEREIRA, 2016, p. 57).

São muitas as evidências a respeito da existência do rei deixado pelos relatos greco-romanos, a descoberta do Tesouro de Carambolo conforme analisamos em capítulos anteriores, aguça nossa imaginação sobre a veracidade ou não da realidade desse governante.

[...] “Eu não quereria a cornucópia de Amalteia<sup>186</sup>, nem século e meio ser rei de Tartessos<sup>187</sup>”, e ainda que Heródoto registara o nome do rei, chamando-lhe Argantónio<sup>188</sup> (de facto, poder-se-á interpretar as palavras de Anacreonte assim-de um modo literal-, ou de uma forma mais geral, assim: ser rei de Tartesso\* durante muito tempo<sup>189</sup>\*). Alguns, porém, chamam Tartesso\* à actual Carteia\*. (DESERTO; PEREIRA, 2016, p. 57).

Outra obra riquíssima em detalhes e clássica para o aprofundamento desse capítulo que aporta tartessos, é datada do século IV d.C, inspirada em documentos geográficos, pautados em fontes dos séculos IV e V a.C, trata-se de *Ora Marítima*, poema atribuído à Rufo Festo Avieno. Consiste em um trabalho histórico-geográfico o mesmo fora estudado e traduzido pelo pesquisador Bonsor (1921). Nessa mesma obra pode-se notar uma referência feita por Avieno, relacionada ao cartaginês Himilcão sobre o suposto território pertencente ao reino Tartesso.

Segundo Bonsor (1921), as numerosas publicações remontam às expedições exploratórias descritivas da costa da Bacia do rio Guadalquivir. Trata-se de uma instrução náutica que demonstrava como se chegar ao Estreito de Gibraltar, conhecido na Antiguidade como Colunas de Hércules.

Analisemos uma descrição de *Avieno* sobre a região tartessa;

Observe que Avieno começa sua descrição no final de sua expedição marítima, indo do oeste para o leste, ou seja, descrevendo a viagem de volta. Do final de S. O. de Portugal, isto é, da capa do Sagrado ou Oestrymnis, segue para o leste, onde reconhece dois golfos na seguinte ordem: Sinus Oestrymnicus e Sinus Tartessus (i). No primeiro, que se estende da capa de San Vicente à capa de Santa Maria de Faro, coloca as Ilhas Oestrymnicas, onde abundavam estanho e chumbo. (BONSOR, 1921, p. 518, tradução nossa).<sup>29</sup>

Na citação anterior, Bonsor (1921) nos relata a preocupação que possuía Rufus Avieno, em retratar tartessos, é notório e perceptível a relação de curiosidade e espanto que se deu ao extremo Ocidente da Andaluzia, região esta, que, era preponderante em metais nobres como o estanho e a prata, esses, essenciais aos interesses mercantis e expansionistas dos povos orientalizantes.

Se partirmos dessas hipóteses territoriais, encontraremos elementos suficientes para corroborar à nossa pesquisa sobre o emblemático rei e seu povo. O que dizer do livro *História* de Heródoto de Halicarnasso, que segundo o mesmo, teria ouvido falar inúmeras vezes no dito homem de prata. Analisaremos a seguir esses indícios, não como forma de comprovação, e sim como elementos hipotéticos de uma narrativa histórica que ganhou ênfase devido aos mistérios e incertezas logrando assim a reelaboração de novas discussões acadêmicas sobre o mito andaluz.

Analisaremos como essa ideia nos aproximou dos mais magníficos questionamentos sobre o primeiro reino da Espanha. Sabemos que da incerteza da existência dessa cidade, porém elementos nos levam a duvidar da não existência desses povos. Apesar de existirem numerosos tesouros genuinamente ligados à eles, somente a descoberta oficial do território fomentaria e colocaria fim à essa discussão.

## 2.1 TARTESSOS SOB O OLHAR DE HERÓDOTO DE HALICARNASSO

---

<sup>29</sup> Nótese que Avieno comienza su descripción por el fin de su expedición marítima, yendo de Occidente a Oriente, o sea, que describe el viaje de regreso. Desde el extremo S. O. de Portugal, o sea desde el cabo Sagrado u Oestrymnis, se dirige hacia el Este, donde reconoció dos golfos en el siguiente orden: el Sinus Oestrymnicus y el Sinus Tartessus (i). En el primero, que se extiende desde el cabo San Vicente al cabo Santa María de Faro, coloca las islas Oestrymnicas donde abundaba el estaño y el plomo.

Nascido em Halicarnasso no ano de 485 a.C, Heródoto ficou conhecido na história por seus relatos, recebendo assim o título de primeiro historiador detendo muito reputação na Antiguidade. De acordo com o historiador, os Fócios foram os primeiros gregos a conhecerem a Ibéria, tanto ficaram impressionados com a longevidade do rei, quanto à prosperidade do reino, os habitantes da Foceia teriam recebido uma grande quantia para a construção de uma muralha em defesa contra os ataques persa conforme citação abaixo;

Souberam, de certo, fazer-se estimar por esse soberano, que lhes aconselhou a deixar a Lônia e a se estabelecerem na região do Tartesso que mais lhes conviesse; mas não conseguindo persuadi-los e tendo sabido por eles que as forças de Creso aumentavam cada vez mais, deu-lhes certa soma de dinheiro para cercarem sua cidade de muralhas. Essa quantia devia ser considerável, pois eles ergueram um círculo de muralhas de grande amplitude, todas de pedras enormes e agregadas com arte. (BARTOLOMÉ POU, 2006, p. 108).

Segundo o próprio Heródoto, o prestígio do rei era tão grande que os focences teriam recebido de bom grado a oferta para se mudarem para o reino tartesso. Mais uma vez Heródoto nos aponta seu conhecimento sobre Argantonio, pois o mesmo confirmaria sua morte durante a chegada dos Fóceos à cidade de Alalia.

Todavia, a história narrada por Heródoto em relação aos tartessos não chegaria ao fim, tempos depois ocorreria a Batalha de Alalia, disputa entre os gregos e a aliança cartaginesa-etrusca. O mais intrigante foi o porquê de Heródoto criar uma história ou mesmo um relato sobre Argantonio. A Batalha de Alalia, corroboraria a versão de Heródoto sobre os focences, conforme citação da autora.

Diante disso, devemos nos perguntar o que nos permite considerar a existência de um "diferencial" foceu. Primeiramente, tem os que há a clara definição de um a única rede comercial unindo as fundações foceias, o que levou Morei (1999) a denominá-la com o "commonwealth foceu". As relações entre elas são demarcadas também pela ajuda mútua em caso de guerras com o a batalha de Alalia e a recepção dos refugiados da Foceia e depois de Alalia tanto em Massália quanto em Eléia e Empóron. Há também um a inscrição epigráfica (I. Lampsakos 4.26)<sup>4</sup> que atesta laços de amizade entre Massália e Lampsakos (a primeira fundação foceia, localizada na costa propôntica da Ásia Menor). (TACLA, 2011, p. 119).

De acordo com a citação anterior, vimos que os povos foceos estreitavam ligações comerciais com outras povos, portanto podendo haver possibilidade de ligação junto à Península Ibérica.

Abaixo uma representação da figura pictórica do rei Tartesso:

Figura 9 - Representação de Argantonio.



Disponível em: <<https://br.depositphotos.com/205060116/stock-photo-seville-spain-july-7th-2018.html>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

## 2.2 O QUE ENTENDEMOS POR UMA ABORDAGEM ARQUEOLOGIA PÓS PROCESSUAL?

A abordagem pós-processualista contrapõe-se ao método positivista no quesito ao relativizar uma tendência maior à subjetividade humana. Esse método passou a questionar o antigo estruturalismo arqueológico e, a partir do prisma da reinterpretação das ações humanas, seu cotidiano busca a não avaliação do objeto somente como tesouro achado, mas suas especificidades, de maneira que, o motivo da sua produção, como, e a quem se teria atribuída esse objeto.

Toda a interpretação do passado deve considerar a ideia de que as ações humanas ocorrem em um contexto cultural e histórico inteligível pelos seus próprios agentes sociais. Os indivíduos criam seu mundo através de suas

ações dentro de limites culturais que existem em sua época. Desta forma, os elementos essenciais da arqueologia pós-processual incorporaram os conceitos de ação (indivíduo e sociedade), sentido (estrutura), contexto, história (tempo e espaço), símbolos (linguagem, regras) e vinculação entre passado e presente (FREDEL, 2015, p. 21).

Esse movimento possui correntes bem distintas na abordagem arqueológica como: o estruturalismo, neo-marxismo e a fenomenologia, destacando a possibilidade de inúmeras interpretações.

Na medida em que seus objetivos se referem às sociedades humanas, ela compartilha com outras ciências sociais muitas questões e, assim como elas, necessita de uma abordagem interdisciplinar para explicar a complexidade do seu objeto de estudo (FUNARI, 2015, p. 18).

Em acordo ao pensamento de Funari (2015), faz-se necessário uma abordagem metodológica amparada na transversalidade do objeto de estudo, e enfatizar a cultura material como uma ideia em construção para a interpretação histórica do presente e passado.

A arqueologia pós-processual ganhou notoriedade com o Australiano Vere Gordon Childe, que, com uma reinterpretação sociocultural, defendeu a tese que o conhecimento era transmitido de geração à geração, portanto, necessário ao interpretar o objeto de estudo sob a ótica da produção materialista marxista.

Sua principal crítica consistia em afirmar que o modelo de produção arqueológico tradicional, representasse aos interesses da elite, deixando de lado a historicidade e a cultura dos povos em questão. Outro nome de destaque foi o do Francês André Leroi-Gourhan, que buscou, em seus trabalhos, se aproximar da etnologia, considerando dos povos estudados seu estimado valor.

Nos EUA, surgiu a *New Archaeology*, subsidiada por Lewis Binford, que em suas pesquisas, aproximou a Arqueologia da Antropologia, anos depois, seu método influenciaria pesquisas na América, principalmente por se tratar da proximidade com ciência antropológica.

As relações humanas, em qualquer sociedade, dão-se por meio de contatos, seja entre o homem e a natureza, seja entre os próprios homens. A cultura é tudo o que é criado, feito (desenvolvido, melhorado, modificado) pelo próprio homem, diferente do que fornece a natureza (FUNARI, 2015, p. 36).

Os pós-processualistas acreditam que a subjetividade, ligada à arqueologia, define seu viés ideológico e sua própria interpretação em relação aos objetos de estudo. O cerne dessa discussão se aproxima da antologia e filologia, na busca por se interpretar a linguística e a simbologia empregada por grupos pré-históricos e antigos reinterpretando os fatos materiais e idealistas.

### 2.3 MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADES

No processo de compreensão arqueológica, faz-se indeclinável uma abordagem de estudo das relações de poder, através da análise consistente sobre a memória social coletiva e identidades no reconhecimento dos conflitos pré-estabelecidos. Ao alavancar essas questões, compreendendo-se que os conflitos existentes são, em sua maioria, identidades contrastantes na afirmação dessa legitimidade. É fato que nem toda identidade deriva da memória, entretanto, a recordação poderá vir influenciar ou mesmo legitimar essa identidade.

A partir dessa premissa, nota-se que a coletividade da memória se diferencia da individual no sentido do campo social ou seja a mesma é dividida por diversos indivíduos do grupo à qual se está inserido. O maior idealizador dessa memória social é o Estado, que através do aparelhamento das Instituições e do simbolismo heroico-cívico, festividades, produz uma memória social coletiva, que é compartilhada por várias pessoas da sociedade.

O Estado e as associações mais organizadas produzem memória de várias maneiras. Mas há um lugar crucial para sua produção e reprodução social na atualidade: a escola. Por meio dos currículos obrigatórios e dos livros didáticos, instituições estatais e privadas influenciam de modo decisivo a memória social de todos [...] Muitos esquecimentos passaram a ser lembrados e a História ensinada passou a se dialogar com outros agentes de memória, como o movimento negro, o feminismo, o movimento operário (GUARINELLO, 2014.p. 10).

Nesse contexto, o trabalho do historiador, apoiado no auxílio das demais ciências humanas, (como exemplo a Antropologia, Sociologia, Economia) aborda um viés interpretativo aos vestígios e documentos intuitivo a legitimar a memória.

## 2.4 MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADES NO CASO TARTESSOS

Cada indivíduo constrói sua própria identidade, aproximando-se de grupos afins, mesmo conflitantes, que podem vir a se unir e assim garantir sua sobrevivência. Cada grupo social estabelece seu domínio de acordo com a direção ideológica e o sentimento de pertencimento aquela sociedade, principalmente pelo simbolismo linguístico. Embora admita-se haver uma espécie de fronteira entre os pertencentes ao grupo na percepção de divisão social.

O estudo das identidades ocupa um lugar de destaque nas Ciências humanas contemporâneas. Não apenas na história, mas também na Psicologia, na Antropologia e na Sociologia. [...] Elas são socialmente construídas, através de inúmeros processos, muitas vezes colocando pessoas e grupos em conflito, ou pelo contrário, justificando conflitos á existentes. [...] Ela faz parte de um movimento político e cultural mais amplo, inserido nas nossas instituições e nas nossas práticas culturais, em nossos hábitos, na língua que falamos, nas influências que recebemos do exterior, nos filmes a que assistimos, na música que ouvimos, em nossas crenças religiosas [...]. (GUARINELLO, 2014, p. 8).

Nessa direção, o significado de isolamento social pode aparecer para a arqueologia como um critério de estudo, principalmente por fomentar objetos dessa relação, linguagem simbólica epigráfica, moedas, estelas ou mesmo joias, estabelecidos pela a hierarquização social do grupo. A própria ideia de pertencer ao meio social pode trazer à tona uma breve discussão sobre o aparelhamento desses símbolos, já que em inúmeras oportunidades são apropriados pelas elites.

Por vezes o indivíduo que se encontra inserido ao grupo étnico, acaba por excluir-se dos direitos sociais, isto evidencia ato de se pertencer à sociedade, mas efetivamente estar privado de gozar de certos elementos de privilegio. Todavia, de acordo com o especialista Guarinello (2014), podemos definir como objetos conflitantes de um lado a memória coletiva e do outro a identidade, conforme evidencia o autor:

A memória social também trabalha em lugares definidos, o contrário dos indivíduos, ela é compartilhada por várias pessoas: um grupo, uma etnia, um bairro, uma cidade ou mesmo, toda a sociedade. Há uma grande diversidade de memórias dentro de uma mesma sociedade. Muitas se produzem paralelamente e, muitas vezes, entram em conflitos, quando representam identidades contrastantes, grupos com interesses divergentes,

diferentes visões do que seja a sociedade e de qual deve ser seu futuro (GUARINELLO, 2014, p. 9).

Portanto, no caso de tartessos, como compreendê-los sem que haja textos próprios dessa sociedade, ao menos ainda não documentados? É neste momento que a arqueologia pós-processual pode suplantar e preencher lacunas desse vazio historiográfico na obtenção de respostas sobre essa exuberante sociedade hispânica. Para isso, é necessário viabilizar e reconhecer os objetos de manifestações de identificação que expliquem a inserção do indivíduo no pertencimento na comunidade.

A ambivalência material/humano, ainda que pareça abstrata, adquire importância capital para que se entenda por que, no estudo das sociedades, valendo-se de seus elementos materiais, tarefa da arqueologia, não raras vezes-equivocadamente-objetos são considerados fora do seu contexto social e comportamentos de sociedades estudadas são vistos como meras decorrências de desígnios da natureza (FUNARI, 2015, p. 17).

## 2.5 HIBRIDISMO CULTURAL

Ao analisar o processo de hibridação, a priori, questiona-se como se dá a representação de “pureza” de determinadas sociedades e de que maneira se estabeleceu o desenvolvimento e continuidade da miscigenação e comportamentos desses grupos. Compreendendo então que a identidade repetidamente, independe da relação do eu e outro, por subseqüente vezes, é transmitida a partir de um etnónimo (língua, religiosidade, hierarquia, costumes etc).

Contudo nem sempre esses grupos étnicos representam essa “pureza etnocêntrica”, podendo ocorrer a influência de grupos colonizadores e conseqüentemente a aculturação. A argumentação em aberto é reconhecer se essa comunidade em análise, tartessos, se reconhecia como sociedade, topónimo ou mesmo etnónimos.

Tartessos, sem dúvida alguma, intrinsecamente, nos revela um emaranhado de informações, um deles o certame em discussão, como a sociedade era reconhecida externamente? A cultura material talvez não nos possa revelar por completo essa identidade, entretanto, pode-se perder alguns elementos, mas incorporar outros. Por não se tratar de um movimento estático,

a cultura vai se influenciando por outros hábitos e costumes assim aproximando-se de outros elementos culturais e etnológicos.

Mas, como os artefatos não falam por si mesmos, torna-se necessária a utilização de analogia com que encontramos em situações constatadas em tribos vivas, o que chamamos abordagem etnográfica [...] Deve admitir-se, que os paralelos etnográficos podem apenas sugerir algumas possibilidades, alternativas na interpretação dos vestígios, como advertiria o antropólogo britânico E. Leach. (FUNARI, 2015, p. 40).

De acordo com o pesquisador Funari (2015), a analogia se torna um viés importante na reelaboração de hipóteses seguras, sobretudo em diferentes realidades sociológicas. Ao falarmos em heterogeneidade, devemos deixar claro que no caso de Tartessos não deve classificá-lo como um gentio “puro” e analisado a partir da reconstrução do território. Devemos reinterpretá-lo de maneira sem que haja nossos próprios métodos de avaliação, e não somente a toponímia e os costumes funerários. Por isso, a análise dos marcadores territoriais, derivados da construção social do espaço, é útil na compreensão do papel que os santuários tiveram na organização dos espaços comunais e atividades econômicas desenvolvidas, ou seja, a organização da comunidade interna e sua relação com a influência externa.

Em minha opinião e na de vários outros especialistas, mais férteis que os modelos transculturais são aqueles utilizados como recursos interpretativos voltados ao estudo de certos tipos específicos de organização social. No campo da interação do homem com o meio ambiente, têm-se desenvolvido, por exemplo, modelos de ocupação do espaço (FUNARI, 2015, p. 47).

## 2.6 FONTES ESCRITAS E REGISTROS ARQUEOLÓGICOS: DESAFIOS

Conforme citadas em capítulos anteriores, as fontes escritas são representações de modelos que se baseiam na realidade, não somente em relação ao discurso utilizado, e sim aos seus membros a quem se destina.

Ainda nesta linha, Beaudry (2007) afirma que os contextos históricos e culturais permitem aos seres humanos desempenharem um papel ativo na criação de significados e na moldagem do mundo e formação do que o cerca, sendo vistos interagindo com seu ambiente, ao contrário de simplesmente reagir a ele. A cultura material é vista como um meio de comunicação e expressão que pode condicionar e, eventualmente, controlar a ação social. Quando o mundo material e as ações daqueles que o criam entram em contato com ele e o usam para uma dada finalidade, esses são todos vistos como afirmações em um discurso. (FREDEL, 2015, p. 29).

Devemos analisar o conceito aos povos tartessos sob a ótica de variados contextos. Refletem um número de ideias que objetivam construir a identidade do grupo a qual o discurso é produzido. De acordo com o especialista Funari (2015), o material arqueológico comporta leituras diversas. Entretanto, as respostas que queremos buscar, vão depender das indagações que evidenciamos em nosso objeto de estudo.

Dentre as diversas classificações de fontes, podemos abordar a temática em estudo, com a utilização de variados métodos, principalmente os vestígios humanos, utensílios, traços iconográficos em pedra e demais materiais. Mas em especial as fontes literárias nos traz um leque de oportunidades para a reinterpretação da complexidade do tema em questão, assim, chegarmos próximos da decodificação e ou representação da cultura, memória e linguagem dessa surpreendente sociedade econômica mediterrânea.

Nossa proposta de pesquisa se estende à compreensão dos diferentes mecanismos sociais e estilo de vida, empregados pela população tartessa em sua contribuição para o desenvolvimento comercial na antiguidade. Portanto, uma boa análise historiográfica pode representar êxito na elucidação de perguntas emblemáticas ou mesmo relatar a consciência que temos da dimensão desse nosso desafio, de reescrevermos a história da sociedade em análise.

## 2.7 OBJETOS PICTOGRÁFICOS E ICONOGRÁFICOS DE TARTESSOS

Bem como a busca incansável pela localização do reino, demais elementos materiais, culturais e políticos, relacionados aos Tartessos, traz em suma, o desafio constante na elucidação dessas representatividades de um Estado autônomo na Península Ibérica, presentes na estrutura de seus santuários religiosos e objetos iconográficos. Entretanto, após recentes descobertas arqueológicas, novos vieses de pesquisa foram inseridos e debates concisos trouxeram, de forma sintética, novos aportes arqueológicos

e historiográficos na obtenção de respostas aos questionamentos estruturais da existência de um reino economicamente ativo na região do Mediterrâneo.

Assim com uma visão analítica das Estelas tartessas e simbologia representada principalmente pelo alfabeto tartésico. O prisma é elencar elementos que possam corroborar aos subsídios comprobatórios da autonomia estatal, elementar dessa proeminente sociedade mediterrânica ibérica. Abaixo apresentaremos algumas inscrições iconográficas, com o intuito ilustrativo da produção material tartessa e seus vestígios simbólicos monumentais, demonstrando assim, sua prosperidade como sociedade ativa e desenvolvida nas transações comerciais com os denominados povos orientais.

Figura 10 - Estela de Abóboda Sitio de Gomes Aires Almodôvar.



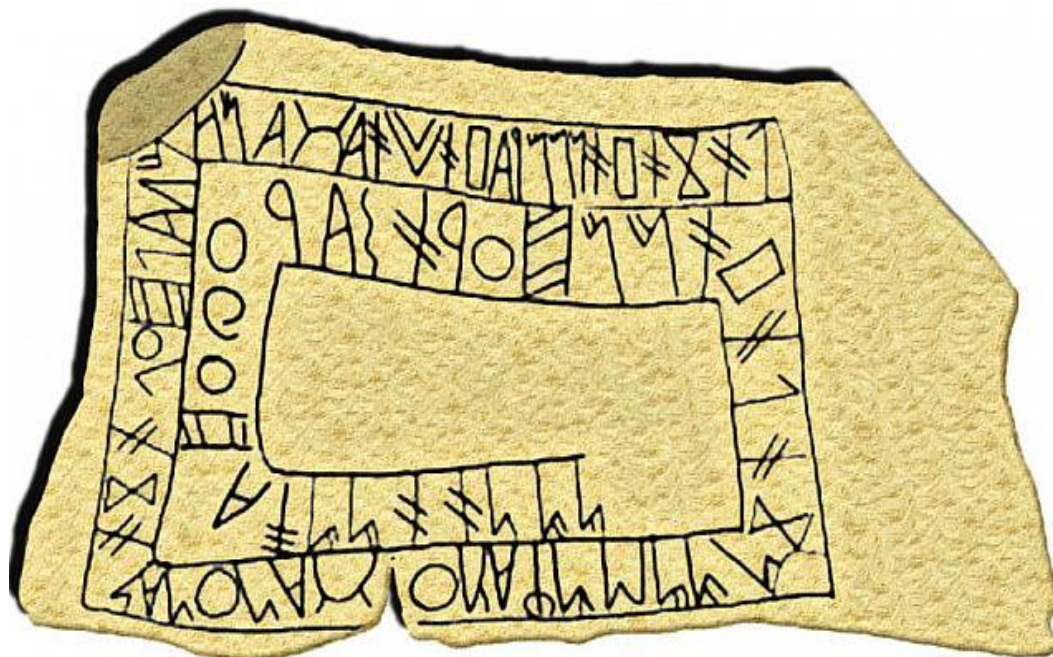
Disponível em: <[http://www.museuregionaldebeja.pt/?t2t\\_gallery=estela-da-abobada-idade-do-ferro-almodovar](http://www.museuregionaldebeja.pt/?t2t_gallery=estela-da-abobada-idade-do-ferro-almodovar)>. Acesso em: 25 nov. 2019.

Figura 11 - Estela de guerreiros de Tartessos.



Disponível em: <<http://www.victoriacar.com/bloges/tartessos-en-america>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

Figura 12 - Escrita Tartessa: influencia fenícia.



Disponível em: <<https://txyz.wordpress.com/2012/10/15/tartessos-the-carambolo-affair/>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

### 3 A EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI: DESAFIOS E METODOLOGIAS

As mudanças tecnológicas, ocorridas no cenário educacional no presente, vêm se mostrando fecundas aos novos desafios relacionados à formação continuada dos jovens nos Ensinos Fundamental e Médio das redes públicas. Essas transformações, ocorridas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, têm sido cada vez mais discutidas e reelaboradas em âmbito pedagógico dentro das escolas comunitárias. Nesse sentido a fundamentação teórica do objeto de aprendizagem se faz necessária para a compreensão e orientação do ensino-aprendizagem.

O intuito é aproximar o educando às novas metodologias de ensino, para que o mesmo possa compreender os processos históricos, desenvolver e potencializar sua autonomia frente aos desafios educacionais da atualidade. Tendo em vista a crescente procura por essas novas ferramentas aplicadas, tem-se como cerne à análise, discutir um ideal de ensino que seja, atrativo, qualitativo, e ao mesmo tempo, um mecanismo transformador e impulsionador dessas projeções tecnológicas ao desenvolvimento de novos instrumentos lúdicos para a educação e que o mesmo possa convergir para um maior interesse por parte do educando. Em que cenário se enquadram o papel do professor e da instituição de ensino em relação à disciplina de História e sua aplicabilidade pedagógica em sala?

A pesquisadora Bittencourt (2011), nos aponta uma via ou mesmo uma oportunidade de compreensão desse no fenômeno;

O papel do professor na constituição das disciplinas merece destaque. Sua ação nessa direção tem sido muito analisada, sendo ele o sujeito principal dos estudos sobre *currículo real*, ou seja, o que efetivamente acontece nas escolas e se pratica nas salas de aula. O professor é quem transforma o *saber a ser ensinado* em *saber aprendido*, ação fundamental no processo de produção do conhecimento (BITTENCOURT, 2011, p. 50).

Ainda em consonância ao pensamento da autora, acredita-se que o ensino atual, traz consigo, desafios culturais e sociais a serem explorados através de vínculos e diálogos com os educandos. Para que isso ocorra, a utilização das novas tecnologias aplicadas se mostra produtiva ao acolhimentos desses alunos e suas interações digitais na construção de uma

instituição pluralizada e inclusiva. Por isso, cada vez mais, a cogitada aproximação do Ensino Acadêmico com a escola secundária, pode ser explicada pela “Transposição Didática”, conforme nos mostra a especialista:

Chevallard entende ser a escola parte de um sistema no qual o conhecimento por ela reproduzido se organiza pela mediação da “noosfera”, conceito correspondente ao conjunto de agentes sociais externos à sala de aula-inspetores, autores de livros didáticos, técnicos educacionais, famílias. Esses agentes garantem à escola o fluxo e as adaptações dos saberes provenientes das ciências produzidas pela academia. [...] Segundo esse ponto de vista, a escola é o lugar de recepção e de reprodução do conhecimento externo, variando sua eficiência pela maior ou menor capacidade de “transpô-lo” e reproduzi-lo. A figura do professor aparece então como um intermediário [...]. (BITTENCOURT, 2011, p. 36-37).

Um outro desafio é compreender que a corrida tecnológica possa fomentar uma falsa imagem de que a escola esteja ultrapassada, obsoleta. Dentro dos novos desafios de ensino principalmente via web, e outras ferramentas como rede sociais, apresentando a oportunidade de diferenciar e recriar novos conceitos sobre a efetividade da informação e do conhecimento. O historiador Peter Burke (1992) chama atenção sobre a importância dos recursos visuais e a sua reinterpretação, conforme explica;

Embora eu, sinceramente, espere que os historiadores cada vez mais voltem sua atenção para o material visual, lamento que poucos até agora tenham demonstrado suficiente percepção das questões necessariamente envolvidas, ou das habilidades particulares necessárias para se enfrentar tal material. A contribuição para o estudo do material visual que o historiador esta provavelmente mais bem equipado para realizar é a discussão de sua produção e de seu consumo como atividades sociais, econômicas e políticas. (BURKE, 1992, p. 268-269).

Os alunos hoje em dia, trazem consigo inúmeras informações, entretanto o papel da escola juntamente ao dos professores, se inserem em efetivar uma seleção criteriosa dos conteúdos ensinados. Atualmente o educador se depara com inúmeros aparatos comunicativos que permitem elaborar um emaranhado de atividades escolares. Nesse sentido, a educação não poderia se eximir das transformações sociais e tecnológicas e seu papel é fundamentalmente garantir que esses recursos sejam inseridos na formação dos jovens, instruindo-os a desenvolver de forma segura, crítica e autônoma novas abordagens em relação ao ensino aprendizagem.

A utilização dos recursos tecnológicos em sala tende a ser contínuo, sendo assim o objeto de aprendizagem se encaixa nesse nova linguagem digital. O objeto de aprendizagem traz consigo um aparato digital de estudo lúdico e textual, informações complementares e inéditas ao livro didático. Em concordância ao pensador, Garcia (1977), explica que a atividade educacional deve proporcionar ao indivíduo atitudes, saberes e reinterpretações sempre a potencializar ao estudante sua própria interpretação do fato em abordagem. O desafio é resgatar o interesse dos jovens no processo de formação educacional e do saber histórico.

[...] O conceito de educação já encerra, nas suas origens, uma contradição, na medida em que abriga, sob uma mesma raiz, sentidos diversos. O sentido de *educare* transmite a ideia de algo que se acrescenta ao indivíduo, procurando dar-lhe condições para seu desenvolvimento. Já o sentido de *educere*, sugere a liberação de forças que estão latentes e que dependem de estimulação para vir à tona. (GARCIA, 1977, p.1).

Portanto, o desafio enquanto educador, é trazer à tona o papel instrumental e metodológico, externar a ideia do aluno, para que o mesmo possa ser agente da sua própria transformação social e cultural.

### 3.1 DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM

No processo educacional público percebe-se cada vez mais a necessidade da utilização de novas tecnologias aplicadas em sala de aula. Esse fato tornou-se um grande paradigma, porque inúmeras instituições escolares se veem desprovidas desses aparatos tecnológicos, singularmente em relação ao suporte operacional aos educandos, pois, vários já trazem consigo um conhecimento prévio incessantemente atrelado ao uso básico da internet e assim acabam por desinteressar-se facilmente pelos conteúdos ministrados em sala.

A inquietação se dá nesse contexto pela tentativa de reformulação das práticas de ensino em História. Para isso é fecundo produzir um material que possa subsidiar o trabalho do educador frente a esses novos desafios contemporâneos, aqueles relacionados ao ensino dinâmico e assertivo no que tange concretizar os conteúdos ministrados de Antiguidade Clássica.

De acordo com Prensky (2010), o papel da tecnologia é fomentar e dar suporte aos alunos para que eles possam ensinar a si mesmos. O educador deve procurar inserir em seu conteúdo didático informações relevantes e, através de vídeos e imagens, dessa maneira haverá por parte do discente uma maior contextualização e, subseqüentemente, um leque para novas abordagens e discussões. Os vídeos em sala de aula podem auxiliar ao quesito crítico sobre a mídia, quanto à reflexão do aluno sobre os problemas cotidianos ou seja, busca torná-lo consciente e ativo em sua sociedade.

O professor neste contexto de mudança, precisa saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como tratá-la e como utilizá-la. Esse educador será o encaminhador da autopromoção e o conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupos reunidos por áreas de interesses (MERCADO, 2002, p. 12).

Em acordo a esse pensamento, os especialistas em tecnologia em sala de aula, relatam a experiência positiva da utilização das novas tecnologias aplicadas;

No portal Podomatic, criamos o nosso primeiro podcast de Literatura Portuguesa, Em Discurso Directo I, como se pode ver na figura 1. O objectivo foi ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem, os alunos do ensino nocturno e os alunos que por razões várias não vão à escola, a acompanhar os conteúdos curriculares da disciplina de Português. No entanto, todos os outros alunos usufruem dele. (MOURA; CARVALHO, 2006, p. 2-3).

A utilização da tecnologia vem ganhando cada vez mais espaço, principalmente pela criação de novos objetos de aprendizagem, atrelados às disciplinas afins.

Tratando-se de um serviço gratuito, a capacidade de armazenamento é limitada, obrigando a criar a 2ª série. Assim, na 1ª série gravámos 117 episódios distribuídos da seguinte forma: Estrutura da obra literária; História da Literatura Portuguesa; Barroco; Romantismo; Realismo e Modernismo. (MOURA; CARVALHO, 2006, p. 2-3).

De acordo com a pesquisadora Tarouco (2004), do método “Mobile Learning” tem um papel importante nesse processo;

O crescimento e a popularização da Internet vem tornando possível utilizar novas estratégias e ferramentas para apoiar a aprendizagem a distância

oferecendo novas possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem. (TAROUCO, 2004, p. 1).

Para a especialista, ex-learning e o Xerte, dentre outras ferramentas, trouxeram e ofereceram novas possibilidades para a prática do ensino à distância, principalmente pela utilização de diferentes plataformas de hardware e software também em sala de aula. O objetivo das novas tecnologias é tornar o ensino mais atrativo e continuado, e que o mesmo possa através da rede de informação construir um ensino qualitativo.

Os objetos de aprendizagem têm função quando armazenados em repositórios. Como ferramenta pedagógica auxiliar aos docentes e educandos do Ensino público, o trabalho se consistirá na elaboração de um E-book, livro digital, ancorado na ferramenta Moodle, caracterizado como Tartessos: Um Reino Ibérico. Por meio de uma abordagem metodológica, espera-se fomentar o ensino-aprendizagem de forma a valorizar a interatividade e troca de conhecimentos entre os alunos e professores.

O propósito parte da necessidade do educando em contextualizar a temática Península Ibérica em sala de aula. Com isso, o objeto traz a história do povo tartesso e sua contribuição para o desenvolvimento das rotas comerciais do Mar Mediterrâneo entre os séculos I e VII a.C. durante a Antiguidade Clássica. Através de uma leitura dirigida e contextualizada, o estudante poderá acessar a partir do menu, textos, exercícios e também jogos de raciocínio lógico.

Esse projeto incentivará a interdisciplinaridade, por conter ferramentas como mapas, imagens, textos e vídeos que poderão servir como auxílio das disciplinas afins. Este e-book contempla as diretrizes obrigatórias do ensino de História conforme CBC/MG, conforme eixo temático, *Introdução aos Estudos Históricos, História de vida, diversidade populacional (étnica, cultural, regional e social) e migrações locais*), como subtema, Antiguidade Clássica, Grécia e Roma.

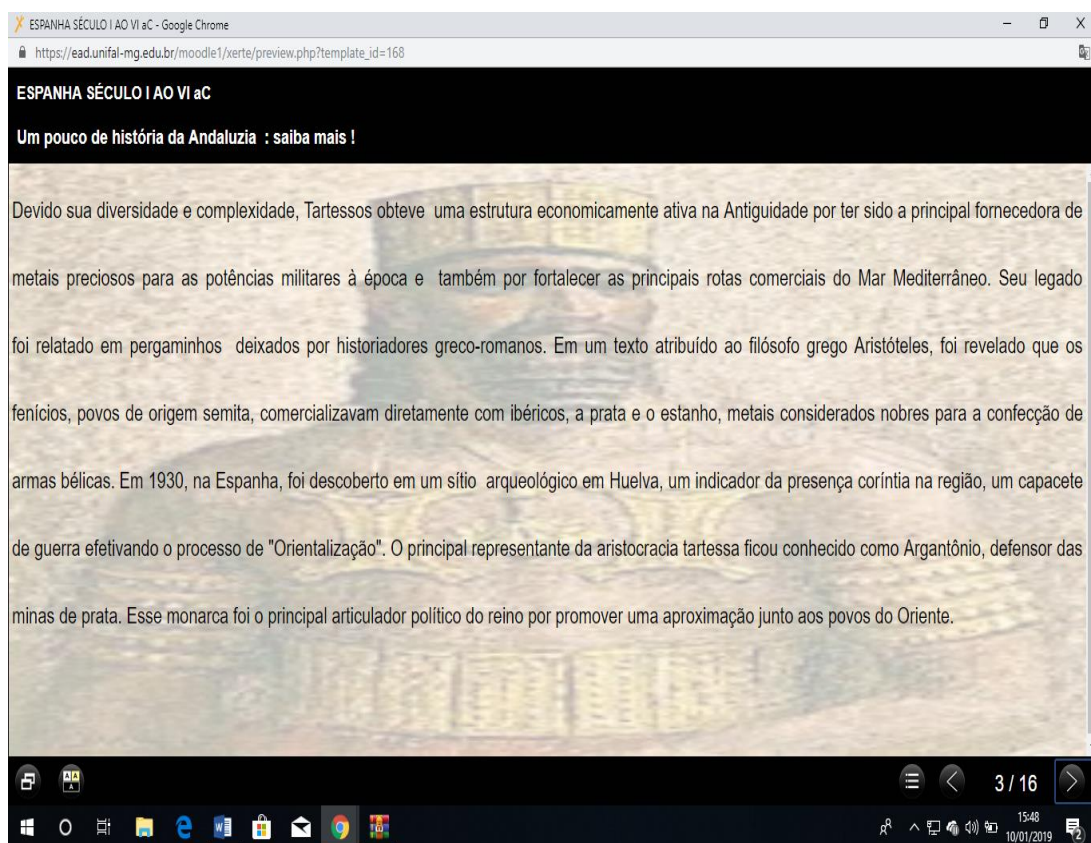
O e-book ou livro digital poderá ser utilizado por alunos dos ensinos: fundamental II e médio, para acessar o conteúdo o educando deverá possuir conhecimentos básicos em informática, como aplicativos, internet, editores de texto e softwares livres.

No ensino público há uma crescente dificuldade na análise de fontes documentais e consecutivamente maior desinteresse do aluno na construção do saber histórico e crítico. Neste ponto, o presente projeto trará uma contribuição relevante ao educando do Ensino Médio e Fundamental II, pois o colocará em contato com obras e fontes, tendo em vista ajudá-lo a compreender os conteúdos históricos da Antiguidade, tornando-o ativo e participativo no desenvolvimento político-social da escola.

Dessa forma, espera-se que objeto de aprendizagem contempla-se como proposta educacional sob a temática História Ibérica, e que por meio da análise da iconografia tartessa, o mesmo possa ser utilizado em materiais físicos e ou virtuais voltados à complementação didática.

Seguem em sequência alguns prints do Objeto de Aprendizagem em questão e suas explicações:

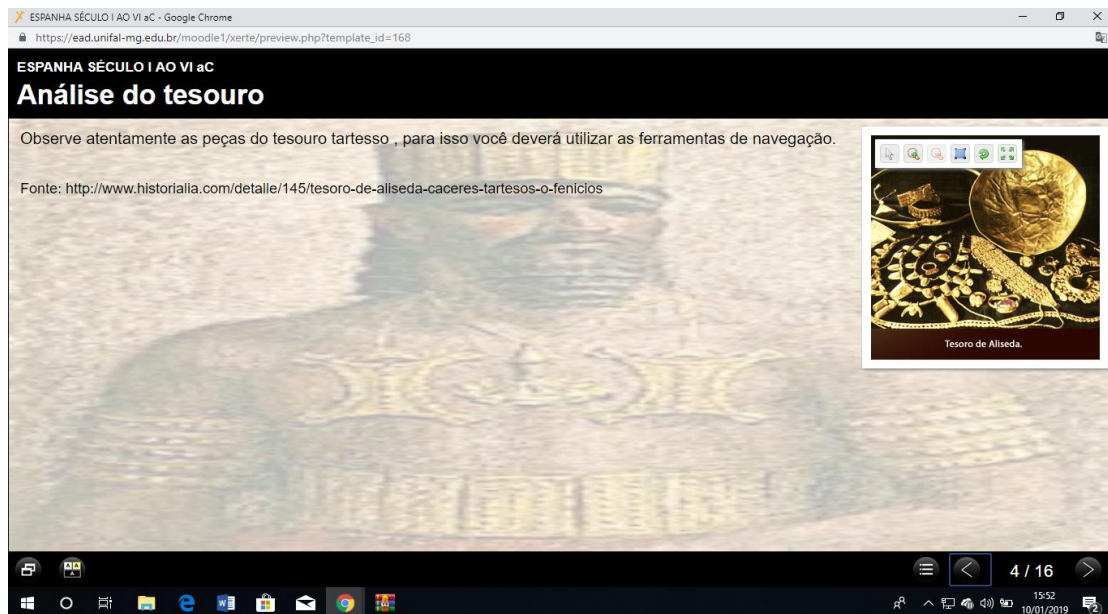
Figura 13 - Introdução sobre o livro digital.



Disponível em: <[https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\\_id=168](https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template_id=168)>. Acesso em: 13 dez. 2019.

Nesta tela o educando é convidado à conhecer a introdução à História de Tartessos.

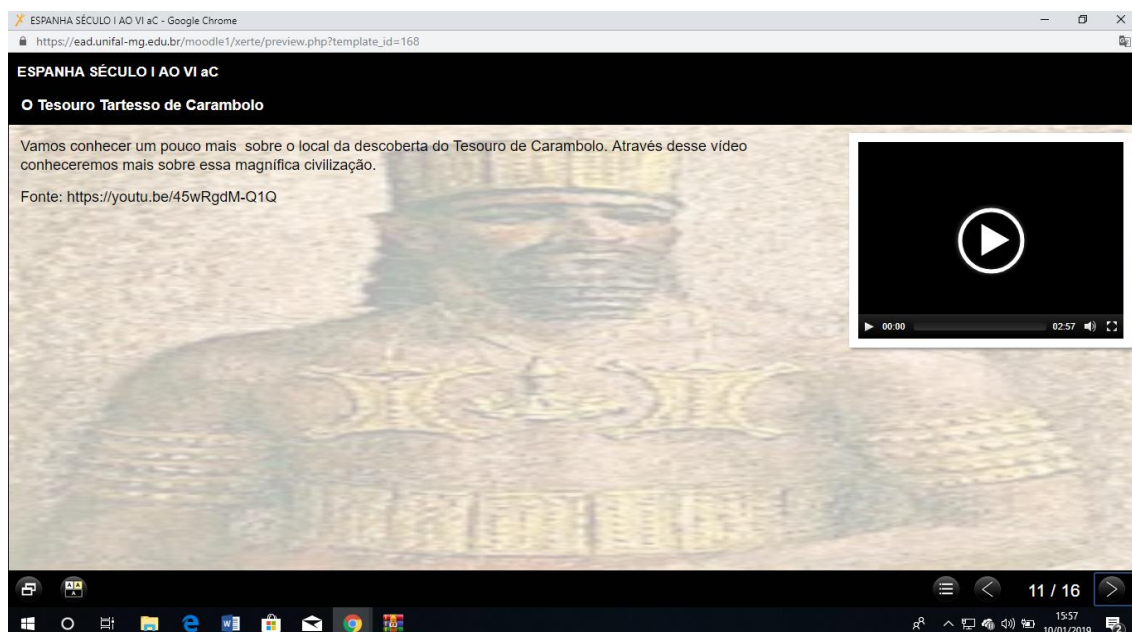
Figura 14 - Análise do tesouro de Aliseda.



Disponível em: <[https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\\_id=168](https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template_id=168)>. Acesso em: 13 dez. 2019.

Na segunda tela o Aluno é convidado a explorar virtualmente o tesouro pertencente aos tartessos.

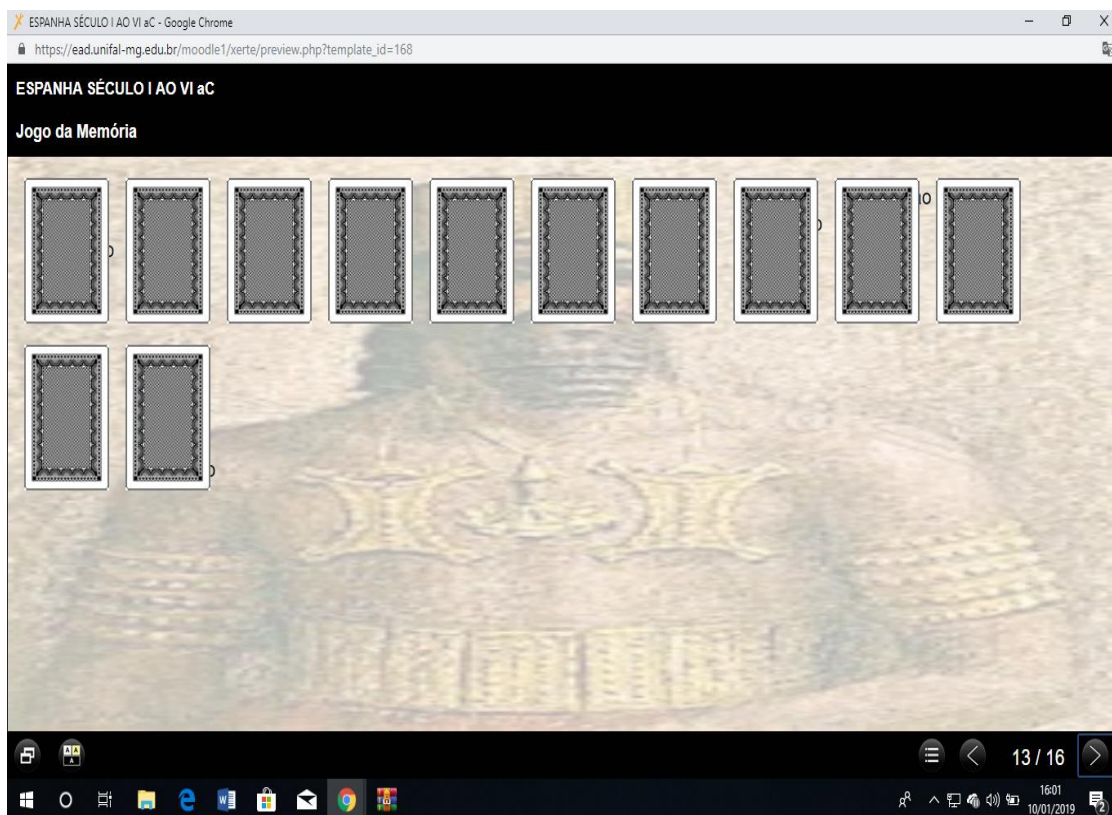
Figura 15 - Vídeo explicativo sobre o tesouro de Carambolo.



Disponível em: <[https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\\_id=168](https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template_id=168)>. Acesso em: 13 dez. 2019.

O Vídeo contextualiza o local exato da descoberta do tesouro.

Figura 16 - Jogo da memória.



Disponível em: <[https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\\_id=168](https://ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template_id=168)>. Acesso em: 13 dez. 2019.

Nessa página convidamos os alunos para a parte lúdica e interativa, com questões e imagens relacionadas aos textos expositivos.

### 3.2 APRENDIZAGEM SOBRE TARTESSOS E AVALIAÇÃO DO CONTEÚDO MINISTRADO

Sabe-se que, por mais tecnologicamente inserida possa estar a educação, nenhuma ferramenta substituiria os processos de escrita e leitura de nossos estudantes. Partindo desta premissa, o objeto de aprendizagem complementar lacunas encontradas nos livros didáticos, principalmente sobre a temática Península Ibérica. O livro digital intitulado Tartessos: Um Reino Ibérico, traz consigo um emaranhado de ferramentas auxiliares e de fácil manuseio.

A escolha do material didático é assim uma questão política e torna-se um ponto estratégico que envolve o comprometimento do professor e da comunidade escolar perante a formação do aluno. O material didático, por ser instrumento de trabalho do professor, é igualmente instrumento de trabalho do aluno; nesse sentido, é importante refletir sobre os diferentes tipos de materiais disponíveis em sua relação com o método de ensino (BITTENCOURT, 2008, p. 298).

Pretende-se assim, despertar a curiosidade e o olhar histórico-crítico em nossos educandos, para que os mesmos possam se beneficiar de aparatos lúdicos e informativos. A sequência didática não se utilizará de uma duração específica em horas-aula, que poderá ser distribuída e utilizada de acordo com o critério do professor, conforme atividades abaixo;

- a) Objetivos do Livro digital a ser explorados;
- b) Mapas sobre a localização dos sítios arqueológicos da sociedade tartessa: suas representatividades a partir de objetos arqueológicos, iconográficos e semióticos etc;
- c) Textos de fundamentação teórica para professores e alunos; o livro explora o sistema político, modo de produção econômico, aspectos culturais e sociais e a religiosidade desses povos ibéricos;
- d) Vídeos e documentários;
- e) Jogos educativos: memória, força, lacunas.

A iconografia, atrelada aos textos e vídeos dentro do processo de aprendizagem, se faz um recurso considerável ao conhecimento interdisciplinar por trabalhar com diversas linguagens e formas de interpretação dos objetos em estudo. A documentação iconográfica, juntamente aos documentos escritos, possibilita ao aluno identificar inúmeras representações frente à reinterpretação do fato histórico em análise e suas respectivas versões.

É evidente que, com o advento das tecnologias, o trabalho do educador está em reordenar e articular maior participação do aluno junto às aulas. Por isso o planejamento das ações, e mecanismos de participação, interação, avaliações metodológicas se tornam imprescindíveis ao bom funcionamento das atividades em sala. A pesquisadora Bittencourt (2008), aconselha quanto à utilização de documentos de difícil compreensão em sala;

Existe o problema de escolher documentos que sejam atrativos e não opunham muitos obstáculos para serem compreendidos, tais como vocabulário complexo (textos escritos em outras épocas usam termos desconhecidos na atualidade), grande extensão, considerando o *tempo pedagógico* das aulas (número de aulas semanais e tempo da hora-aula), e inadequação à idade dos alunos. Na escolha é necessário lembrar que eles devem ser motivadores e não se podem constituir em texto de leitura que produza mais dificuldades do que interesse e curiosidade. O objetivo é fornecer sua exploração pelos alunos de maneira prazerosa e inteligível, sem causar muitos obstáculos iniciais. (BITTENCOURT, 2008, p. 330-331).

A avaliação deve ser um processo contínuo e assim assumir um caráter formativo voltado para o desenvolvimento da cidadania. A mesma, serve como forma de reconhecimento das dificuldades e aprendizagens, dessa forma delibera uma nova oportunidade ao educador de reposicionar suas estratégias. Como avaliar os alunos inseridos nesse processo? O ensino deve contemplar a constante busca pela formação consciente dos discentes, assim, proporcionar aos mesmos, discussões teóricas e críticas para que possam desenvolver em suas próprias historicidades.

É cuidado para que os documentos forneçam informações claras, de acordo com os conceitos explorados, e não tornem difícil a compreensão das informações. A má seleção deles compromete os objetivos iniciais propostos no plano de aula, ao passo que sua complexidade e extensão podem criar uma rejeição pelo tema ou pelo próprio tipo de material. (BITTENCOURT, 2008, p. 330-331).

A seguir foram esboçados métodos para uma avaliação qualitativa e formativa aos educandos;

#### **Formas de avaliação:**

- a) Debates e seminários explorando questões do presente e passado;
- b) Relatórios sobre os documentários e vídeos;
- c) Produção textual, análise de ícones sobre a sociedade tartessa.

Consumado esse aporte avaliativo, serão analisadas as atividades de forma significativa, através da subjetividade de cada indivíduo, como a proposta de incentivar a reflexão, investigação e análise das fontes em estudo.

Pretende-se levar o aluno à compreensão das competências e habilidades tendo em vista a construção do conhecimento histórico sobre a Antiguidade Clássica em sala de aula. Esta proposta é convidar o educando

ao debate historiográfico e que o mesmo possa aprimorar suas habilidades de leitura e reflexão crítica da história.

## 4 CONCLUSÃO

Ao se confrontar as evidências descritas em manuscritos antigos, pode-se entender quão superlativo era a sociedade tartessa em suas dimensões culturais, políticas e sociais. Quando a pesquisa não se imaginava a complexidade e riqueza de detalhes inseridos em suas projeções comerciais e políticas.

As fontes eleitas para tal foram imprescindíveis ao resultado das releituras. Mostram-se fecundas ao retratar minuciosamente os objetos de estudo, foi permitido compará-las as demais fontes iconográficas, arqueológicas e assim redefinir a articulação dialogável com as principais bibliografias em relação ao tema de estudo. Sem dúvida, Tartessos legaram a todos um ensinamento positivo de sempre lançar inquéritos e se defrontar com inúmeras respostas.

Por essas pesquisas ficou clara a importância econômica e cultural do reino Tartesso na Antiguidade Clássica, mediante suas variadas relações cambiais com as principais cidades-estado do período. Ainda merece destacar a pluralidade de produtos e serviços como ouro, prata, estanho, alimentos e abastecimento de trigo, vinho, salazones e rebanhos de ovelhas.

Os documentos consultados convergem para a real existência dessa sociedade megalítica, devido aos inúmeros achados arqueológicos presentes nas peças de Carambolo e Aliseda, também as estelas de Abóboda no sítio de Gomes Aires, em Almodôvar.

Assim, as fontes historiográficas, pesquisas dos principais estudiosos (tais como Schulten, Blazquez sobre Tartessos e dos antigos textos greco-romanos) corroboraram para afirmação de uma política estatal na Península Ibérica por sua diversidade argumentativa em evidenciar o reino ibérico como uma sociedade que desenvolveu-se nos moldes estruturais de civilização da época antiga. Houve preocupação neste trabalho ao dialogar com os diferentes autores no sentido em demonstrar as variadas possibilidades de se incluir esse reino no centro das discussões arqueológicas e historiográfica de momento.

De fato há um leque de informações comprobatórias sob o viés arqueológico em relação à organização sócio-política e econômica, portanto imprescindíveis à novos trabalhos acadêmicos sobre a mais antiga civilização ibérica. E a partir dessa vertente, tem-se como proposta aproximar os educandos aos textos e fontes primárias sobre a importância de Tartessos para o desenvolvimento das rotas comerciais do mar Mediterrâneo.

Sendo assim, foi desenvolvido um material de aprendizagem virtual para o ensino público, de modo que todos tenham fácil acesso à temática, impactando positivamente na aprendizagem dos alunos melhorando os índices educacionais e, principalmente, despertar nele o desejo em redescobrir e rediscutir os principais temas abordados sobre a história da Península Ibérica no currículo escolar.

Em direção à essa perspectiva, foi desenvolvido o E-book como forma didática complementar ao material impresso, de fácil leitura e compreensão dos alunos. No aplicativo, o estudante tem a opção de salvar os conteúdos digitais em seu aparelho celular, computador, tablete, drive e ou e-mail. Entretanto, pensando em atender aos alunos com necessidades especiais, e deficiência visual, o E-book traz consigo a opção da ampliação das fontes e também o uso de leitor de voz em PDF entre outros acessórios como; os jogos interativos e socializantes.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Pedro Araújo. "Argantónio, um "guardião" da "Idade da Prata"?" **Revista Portuguesa de Arqueologia**, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 159 - 173. 2003. ISSN 0874-2782.

ALBUQUERQUE, Pedro Araújo. Um olhar comparativo sobre a "questão tartéssica". **Revista Arqueologia Pública**, Campinas, SP, n. 1, v.11, 2015, p. 73-97. ISSN 2237-8294. Disponível em: <  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8639470>>.  
Acesso em: 27 abr. 2018. doi: <https://doi.org/10.20396/rap.v9i1.8639470>.

ALBUQUERQUE, Pedro Araújo. **Tartessos**: entre mitos e representações. Cadernos da Uniarq, v. 6, Lisboa: Uniarq/ Universidade de Lisboa. 2010.

AMATO, Claudio Patrick. NEVES, Irlei Soares das. **Livro de Moedas do Brasil**. s.l., s.n., 15. ed. 2015.

AMATO, Claudio Patrick. **Cédulas do Brasil**. s.l., s.n., 14. ed. 2016.

ANDREOTTI, Gonzalo Cruz. **Un acercamiento historiográfico al Tartessos de Schulten**. **Baetica**. n. 10. 2015.

AQUINO, Rubim Santos Leão de, FRANCO, Denise de Azevedo, LOPES, Oscar G.P. Campos. **História das sociedades**: das comunidades primitivas às sociedades medievais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1980.

BARCELÓ, Juan Antonio. Sociedad y economía en el Bronce Final Tartésico. **Tartessos**, v. 25, 1995, p. 561-589. ISSN 84-87194-64-8.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2.ed. 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez. 2011.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José Maria. **Dela version digital, Gabinete de Antigüedades, de La Real Academia de la Historia**. Madrid. 1997.

BONSOR, Jorge *et al.* **Tartessos [I]**. 1921. Disponível em: <  
<http://www.cervantesvirtual.com/obra/tartessos-i--0/>>. Acesso em: 19. abr. 2019.

BURKE, Peter. **A Escrita da história**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista. 1992.

CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A. **Moedas: a numismática e o estudo da História**. São Paulo: Annablume. 2012.

CASADO ARIZA, Manuel José. Reflexiones sobre la cerámica tipo Carambolo: un axioma de la arqueología protohistórica del suroeste andaluz? **Spal**, n. 12, p. 283-298. 2003.

CONCEITO DE. **Conceito de semiótica**. Disponível em: < <https://conceito.de/semiotica> >. Acesso em: 02 de nov. 2018.

DEPOSITPHOTOS. **Argantonio lendário rei de Tartessos pintado por Juan Miguel Sanchez**. Disponível em: < <https://br.depositphotos.com/205060116/stock-photo-seville-spain-july-7th-2018.html> >. Acesso em: 23 dez. 2019.

DESERTO, Jorge; PEREIRA, Susana da Hora Marques. **Estrabão, geografia. Livro III: introdução, tradução do grego e notas**. Coimbra: Annablume, 2016.  
Disponível em: < <https://digitaisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39957/1/Estrabao.pdf> > Acesso em 19 de abr. 2019.

eBooksBrasil. **Los nueve libros de la historia Herodoto de Halicarnaso (484 A.C. - 425 A.C.)**. 2006. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/nuevelibros.html> >. Acesso em: 13 dez. 2019.

FARIA, Susana Maria Fernandes. **Implementação e validação de um método para determinação de contaminantes em vinho por microextração em fase sólida e GC-MS/MS e sua correlação com a análise sensorial**. 2012. 155 f. Dissertação de (Mestrado em Engenharia Química)-Instituto Superior de Engenharia do Porto-ISEP, Porto, 2012.  
Disponível em: < <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/2577> >. Acesso em: 29 mai. 2020.

FREDEL, Karla Maria. **Arqueologia de gênero: nas cidades de Pelotas – RS- Brasil e Habana Vieja-Habana – Cuba –século XIX**. Erechim, RS: Habilis Press. 2015.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. 3. ed. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

GOMES, Carmelino de Souza. **Catálogo de Moedas do Brasil**. Curitiba, PR: s.n., 2. ed. 2017.

GONZÁLEZ, Carlos Wagner. **Tartessos. Mitos e História**. Madri E-Prints Complutense. 2014.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História Antiga – 1. ed., 1ª reimpr. São Paulo: Contexto. 2014. Disponível em: < <https://hdl.handle.net/10451/11434> >. Acesso em: 27 set. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS. Bibliotecas. 2019. Apresenta os produtos e serviços oferecidos pelas Bibliotecas da UNIFAL-MG. Disponível em: < <http://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/> >. Acesso em: 05 jun. 2020.

LUPI, João. Os lusitanos e a construção do ideal nacionalista português. In: Bratair - **Revista de Estudos Celtas e Germânicos**, v. 1, n. 1, 2001, INSS 1519-9053. Disponível em: < <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/678> >. Acesso em: 29 mai. 2020.

MALDONADO, Rodrigo. **Moedas brasileiras catálogo oficial**. Editora MBA. 2015.

MARTINS, Carla Maria Braz. **A bractea de siracusa e as influências mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica em território português**. In: Actas do I Colóquio Português de Ourivesaria. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, p. 165-175. 2015. Disponível em: < <http://www.mineracaoantiga.com/congresso/artigos/art34.pdf> >. Acesso em: 27 dez. 2019.

MARX, Karl. **O Capital**. V.1, 1ª ed., São Paulo, Nova Cultural. 2013.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. UFAL. 2002.

MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. In: Rui José & Carlos Baquero, (eds), **Conference on Mobile and Ubiquitous Systems (CSMU 2006)**, Braga: Universidade do Minho, p. 155-158. 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MOREIRA, Ronaldo Auad, CARLAN, Claudio Umpierre, FUNARI, Pedro Paulo A. **Iconografia e Semiótica**. Uma Abordagem Histórica. São Paulo: Annablume, 2015.

MUSEU REGIONAL DE BEJA. **Estela da Abóbada, Idade do Ferro, Almodôvar**. Disponível em: < [http://www.museuregionaldebeja.pt/?t2t\\_gallery=estela-da-abobada-idade-do-ferro-almodovar](http://www.museuregionaldebeja.pt/?t2t_gallery=estela-da-abobada-idade-do-ferro-almodovar) >. Acesso em 27 set. 2019.

NumisBids. **Your Portal for Numismatic Auctions**. Disponível em: < <https://www.numisbids.com/n.php?p=lot&sid=2546&lot=20> >. Acesso em: 25 jan. 2019.

RAVENTÓS, Xavier Dupré; RIBICHINI, Sergio; VERGER, Stéphane. **Convegno Internazionale "Saturnia Tellus : definizioni dello spazio consacrato in ambiente etrusco, italico, fenicio-punico, iberico e celtico"**. Consiglio Nazionale delle Ricerche, Roma, p. 471-488. 2008.

PÉREZ, Sebastián; TORTOSA, Trinidad. Ensayo acerca de la evolución del espacio sagrado y del ritual religioso desde el final del orientalizante al mundo romano. El ejemplo del Valle del Guadiana (Extremadura). **Saturnia Tellus**, Instituto de Arqueología, Mérida: CSIC, p. 471-488. 2008. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/275017542\\_Ensayo\\_acerca\\_de\\_la\\_evolucion\\_del\\_espacio\\_sagrado\\_y\\_del\\_ritual\\_religioso\\_desde\\_el\\_final\\_del\\_orientalizante\\_al\\_mundo\\_romano\\_El\\_ejemplo\\_del\\_Valle\\_del\\_Guadiana\\_Extremadura](https://www.researchgate.net/publication/275017542_Ensayo_acerca_de_la_evolucion_del_espacio_sagrado_y_del_ritual_religioso_desde_el_final_del_orientalizante_al_mundo_romano_El_ejemplo_del_Valle_del_Guadiana_Extremadura)>. Acesso em: 05 mai. 2020.

PRENSKY, Marc. O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 15, n. 2. 2010. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/335> >. Acesso em: 29 mai. 2020.

REMESAL, Rodríguez, J. **De Baetica a Germânia, consideraciones sobre la ruta y el comercio atlántico em el Imperio Romano**; em Marco Simon F, Pina Polo F.(Eds.), Viajeros, Peregrinos y Aventureros en el Mundo Antiguo, Col·lecció Instrumenta 36, Universidad de Barcelona, pp.147-160. 2010.

RUIZ DA MATA, D.; CÓRDOBA ALONSO, I.y PÉREZ PÉREZ, C.J. “ **Vinos , aceites y salazones en la Turtetania**”, Los iberos príncipes de Occidente. Las estructuras de poder em la sociedad ibérica. Valencia: Saguntum.1998.

RUIZ, Juan Antonio Martín. LA COLONIZACIÓN AGRÍCOLA TARTÉSICA durante el período Orientalizante en la Serranía de Ronda (siglos vii-vi a. C.). **Takurunna**: Anuario de Estudios sobre Ronda y La Serranía, n. 2, p. 151-156, 2012.

TACLA, Adriene Baron. “Massália, cidade foceia: mito ou realidade?” **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo: Suplemento 12, p. 111-123. 2011. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/download/113572/111527/0> >. Acesso em: 29 de mai. 2020.

TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach; FABRE, Marie-Christine Julie Mascarenhas *et al.* **SUCESU-Congresso Nacional de Tecnologia da Informação e Comunicação**, Florianópolis. 2004. Disponível em: < [http://www.cinted.ufrgs.br/CESTA/objetosdeaprendizagem\\_sucesu.pdf](http://www.cinted.ufrgs.br/CESTA/objetosdeaprendizagem_sucesu.pdf) >. Acesso em: 05 jun. 2020.

TAVARES, António Augusto. O Ocidente em textos mesopotâmicos e bíblicos. **Didaskalia**, Lisboa, v. 35, n. 1-2, p. 13-22. 2005. Disponível em: < <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/20197> >. Acesso em: mai. 2020.

TOPOLSKY, Jerzy. **Metodologia de la História**. Ediciones Cátedra, S.A. Madri. 1992.

TORRES ORTIZ, Mariano. La cerámica a mano con decoración de botones de bronce: una aportación al estudio de la alfarería tartésica del Bronce Final. **Spal**, v. 10, p. 275-281. 2001.

EDUCAÇÃO UOL. **Biografias**. Disponível em: < <https://educaçao.uol.com.br/biografias/Charles-Sanders-Piercie.Htm> >. Acesso em: 27 dez. 2019.

VICTORIA CARO - SITE OFICIAL. **Tartessos na América**. Disponível em: < <https://www.victoriacar.com/bloges/tartessos-en-america> >. Acesso em: 27 set. 2019.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Tesouro de El Carambolo**. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tesouro\\_de\\_El\\_Carambolo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tesouro_de_El_Carambolo) >. Acesso em: 23 dez. 2019.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Lusitânia**. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lusit%C3%A2nia> >. Acesso em: 23. dez.2019.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Tartesso**. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tartesso#/media/Ficheiro:Tartessos.png/> >. Acesso em: 27 set. 2019.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Tesouro de Aliseda**. Disponível em: < [https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro de Aliseda&oldid=112444516](https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Tesoro_de_Aliseda&oldid=112444516) >. Acesso em: 25 jan. 2019.

WordPress. **Tartessos**: the carambolo affair. Disponível em: < <https://txyz.wordpress.com/2012/10/15/tartessos-the-carambolo-affair/> >. Acesso em: 27 set. 2019.